

JOSÉ CARDIM RIBEIRO
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
jcardim@sapo.pt

“DAMOS-TE ESTA OVELHA, Ó *TREBOPALA!*”
A *INVOCATIO* LUSITANA DE CABEÇO DAS FRÁGUAS

“WE GIVE YOU THIS LAMB, O *TREBOPALA!*”
THE LUSITANIAN *INVOCATIO* OF CABEÇO DAS FÁGUAS (PORTUGAL)
“Conimbriga” LIII (2014) p. 99-144

http://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_53_4

RESUMO: O texto lusitano de Cabeço das Fráguas evidencia, como opção compositiva claramente propositada, uma simetria formal entre as duas séries de elementos expressos, as oferendas animais e as divindades contempladas. Supondo os teónimos em dativo, a interpretação tradicional desta epígrafe previa pois a existência de dativos singulares em *-a* da 1ª declinação no contexto linguístico em análise. Mas este axioma baseia-se em indícios pouco seguros, tendo sido recusado por Untermann e outros que, porém, adiantaram alternativas também elas difíceis de aceitar. Uma solução conciliatória que entretanto ensaiámos veio igualmente a revelar-se infundada. Agora, revendo com atenção as características internas da inscrição e as especificidades do santuário, propomos uma alternativa radicalmente diversa, entendendo o texto das Fráguas como uma *invocatio* e considerando assim necessariamente os teónimos expressos, todos eles, em vocativo.

PALAVRAS-CHAVE: Lusitano; declinações; *invocatio*; voc./dat. ac./abl.

ABSTRACT: The Lusitanian text of Cabeço das Fráguas follows an evident and clearly intentional symmetry between the two series of declared elements: the animal offerings and the receiving deities. Assuming the theonyms to be in the dative case, the traditional interpretation of this epigraph called for the existence of singular datives in *-a* of the first declension in this linguistic context. But this axiom is based on fragile evidences and was refuted by Untermann and others who, however, offered alternatives that lacked solidity themselves. An attempted compromise by the author of the present paper later proved to be likewise erroneous. Now, reviewing the internal features of the text and the specificities of the sanctuary, a radically different proposition is presented, approaching the epigraph of Fráguas as an *invocatio* and considering the theonyms to be necessarily written, without exception, in the vocative case.

KEYWORDS: Lusitanian; declensions; *Invocatio*; voc./dat. ac./abl.

“DAMOS-TE ESTA OVELHA,
Ó *TREBOPALA!*”
A *INVOCATIO* LUSITANA DE CABEÇO DAS FRÁGUAS
[versão extensa¹]

A epígrafe rupestre de Cabeço das Fráguas (FIG. 1) tem, sem dúvida, uma importância primordial para o estudo e conhecimento do idioma paleohispânico que se convencionou designar por Lusitano. Durante as últimas décadas a sua estrutura sintáctica e o conteúdo semântico inerente à maior parte dos seus componentes vocabulares foram, pela maioria dos investigadores, dados como essencialmente adquiridos, mantendo-se pois em aberto quase só a discussão relativa à filiação linguística do Lusitano – cujas características em grande parte vieram a ser, aliás, definidas com base na análise da presente inscrição e na sua aludida interpretação: uma série de nomes de animais em acusativo, representando as oferendas correspondentes a uma paralela série de divindades assinaladas por teónimos em dativo, agrupando-se tais elementos em três sucessivos blocos textuais: o primeiro reunindo dois animais e dois teónimos relacionados através de uma partícula copulativa – *oilam Trebopala indi porcom Labbo*; o segundo representado por um único animal e um teónimo provido de epíteto – *comaiam Ieconá Loiminna*; por fim, um terceiro bloco simétrico ao inicial, constituído

¹ Este estudo, apresentado em Outubro de 2012 ao *XI Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas*, veio – fruto de restrições editoriais – a sair nas respectivas *Actas (Palaeohispanica, XI)* em versão muito reduzida, designadamente amputado de grande parte dos necessários apoios documentais e quase que circunscrito, pois, ao seu essencial eixo discursivo-argumentativo. Entendeu-se assim ser útil publicá-lo aqui na sua integralidade, aproveitando ainda a ocasião não só para pôr por extenso um sem-número de abreviaturas a que se recorrera para poupar espaço, ora facilitando a inteligibilidade da leitura e a compreensão do texto, bem como para proceder a algumas correcções e actualizações pontuais.

por dois nomes de animais adjectivados e dois teónimos cujo último surge epiteto, unidos por copulativa – *oilam usseam Trebarune indi taurom ifadem Reve Tre[...]*:

(a) Interpretação tradicional²

(a.1) Estrutura morfo-sintáctica: ac. + dat., *indi*, ac. + dat.; ac. + dat.; ac. + dat., *indi*, ac. + dat.

(a.2) Conteúdo semântico: nome de animal + teónimo, partícula copulativa, nome de animal + teónimo; nome de animal + teónimo + epíteto; nome de animal + adjectivo + teónimo, partícula copulativa, nome de animal + adjectivo + teónimo + epíteto.

(a.3) Ideia forte: Perfeita simetria formal entre os componentes textuais e os respectivos conteúdos semânticos – a uma série de nomes de animais (oferendas) corresponde em paralelo uma série correlativa de teónimos (divindades receptoras das oferendas).

(a.4) Principal vulnerabilidade: Admissão da necessária existência, em nomes lusitanos da 1.^a declinação, de formas dativas em *-a*.

Porém determinados autores, com especial destaque para Jürgen Untermann, têm posto em causa tal consenso sobretudo neste último aspecto, com todas as inerentes consequências morfo-sintácticas, adiantando razões e argumentos que, na sua essência – embora não nas soluções propostas –, nos parecem de todo pertinentes:

(b) Interpretação de ruptura³

(b.1) Estrutura morfo-sintáctica: ac. + nom. (ou abl.), *indi*, ac. + nom. (ou abl.); ac. + nom. (ou abl.); ac. + dat., *indi*, ac. + dat.

(b.2) Conteúdo semântico: nome de animal +..., partícula copulativa, nome de animal +...; nome de animal +...; nome de animal +

² Veja-se TOVAR 1985: 234-245; GUYONVARC'H 1967: 253; SCHMIDT 1985: 321-322; DE HOZ 1986: 42; CURADO 1989: 349-351; id. 1996: 156-157; id. 2002: 71-73; RODRÍGUEZ COLMENERO 1995: 221-222; BLÁZQUEZ 1995: 50; ENCARNACIÓN 1995: 269; WITCZAK 1999; id. 2005: 67-70; ALARCÃO 2001: 315-316; PRÓSPER 2002: 41-56; id. 2010; id. 2010^a: 367-368; MARCO 2005: 318; BLÁŽEK 2006: 11-13; MORALES 2008: 44; ALFAYÉ e MARCO 2008: 294 n.8; VAZ 2009: 92.

³ Veja-se UNTERMANN 1987: 63-64; id. *MLH* IV: 758; id. 1999: 515; id. 2002: 69-70; id. 2010: 81-82; BÚA 1999: 317-321; id. s/d: 54; OLIVARES PEDREÑO 2002: 32 e 246; SALINAS DE FRÍAS 2010: 622-623.

adjectivo + teónimo, partícula copulativa, nome de animal + adjectivo + teónimo + epíteto.

(b.3) Ideia forte: Recusa da existência de formas dativas em *-a* em vocábulos da 1.^a declinação registados em Lusitano, atendendo (b.3.1) à efectiva falta de paralelos acaso relacionáveis que sejam suficientemente determinantes ou credíveis; e, mais ainda, (b.3.2) à inequívoca e exclusiva presença da desinência *-ai/-ae* em todas as formas dativas seguras desse tipo de vocábulos documentadas em inscrições lusitanas – *CROVGAI* (m.), *IOVEAI* (m.), *BROENEIAE* (f.) (cfr. Anexo II, 1).

(b.4) Principal vulnerabilidade: Ruptura e desarticulação da convincente simetria formal dos componentes textuais, e alteração dos respectivos contextos sintácticos; resultando, por exemplo, uma singular tradução do seguinte tipo: «*Trebopala* = a “guarda do santuário” (tem de sacrificar) uma ovelha e depois um porco, a (ou o) *labbo* (sacrifica) uma *comaiam*, a *iccona loiminna* (sacrifica) uma ovelha de alta qualidade (à deusa) *Trebaruna*, e depois um touro ... (ao deus) *Reve ...*» (proposta que defende formas ac. + nom.: Untermann 2002).

Há uma década e inspirados na postura de Maggi (1983), adiantamos uma solução que visava compatibilizar as justas e incontornáveis observações de J. Untermann e de C. Búa com a tradicional interpretação simétrica do texto. Mas aquela nossa proposta – apesar de aceite por alguns colegas, designadamente por M. J. Santos – forçava sem dúvida a estrutura sintáctica inerente à construção frásica da epígrafe, vindo pois a revelar-se insustentável:

(c) Interpretação conciliatória⁴

(c.1) Estrutura morfo-sintáctica⁵: ac. + nom., *indi*, ac. + nom.; ac. + nom.; ac. + dat., *indi*, ac. + dat.

(c.2) Conteúdo semântico: nome de animal + teónimo, partícula copulativa, nome de animal + teónimo; nome de animal + teónimo + epíteto; nome de animal + adjectivo + teónimo, partícula copulativa, nome de animal + adjectivo + teónimo + epíteto.

⁴ Veja-se MAGGI 1983: 53-54; CARDIM-RIBEIRO 2002; SANTOS 2007: 180-181; id. 2008: 261-263; id. 2009: 188.

⁵ Maggi (1983) considera apenas quatro invocações, supondo que o animal que *Icona Loiminna* recebe deverá interpretar-se, adjectivadamente, como *porcom *laebocomaiam*.

(c.3) Ideia forte: (c.3.1) Perfeita simetria formal entre os componentes textuais e os respectivos conteúdos semânticos, embora supondo-se uma estrutura sintáctica não uniforme e dependente de duas diferentes formas verbais – resultando pois uma tradução do tipo «*Trebopala* (recebeu) uma ovelha» vs. «a *Trebaruna* (sacrificou-se) uma ovelha de qualidade». (c.3.2) Simultânea recusa quanto à aludida existência de formas dativas em *-a* em vocábulos da 1.^a declinação registados em Lusitano.

(c.4) Principal vulnerabilidade: «El problema insalvable es el principio de la elipsis verbal: (...) el sujeto se entenderá automáticamente como agente y el objeto como paciente, de modo que el único marco predicativo aceptable será el del verbo “dar”; extremo incompatible con la mencionada teoría, que no postula una divinidad dadora, sino receptora» (PRÓSPER 2010: 65).

A nova interpretação que ora apresentamos e defendemos fundamenta-se, essencialmente, na apreciação do texto como uma *invocatio*, ou seja, construído todo ele em discurso directo, mantendo assim na sua integralidade uma coerência e uma regularidade não apenas sintácticas mas, também, morfológicas:

(d) Nova interpretação

(d.1) Estrutura morfo-sintáctica: ac. + voc., *indi*, ac. + voc.; ac. + voc.; ac. + voc., *indi*, ac. + voc.

(d.2) Conteúdo semântico: nome de animal + teónimo, partícula copulativa, nome de animal + teónimo; nome de animal + teónimo + epíteto; nome de animal + adjetivo + teónimo, partícula copulativa, nome de animal + adjetivo + teónimo + epíteto.

(d.3) Ideia forte: Perfeita simetria formal dos componentes textuais e respectivos conteúdos semânticos. Porém, de acordo com o esquema formal e sintáctico próprios de uma *invocatio*, interpretando-se agora esta epígrafe como uma intencional cristalização através da escrita, ademais em suporte rupestre – e adquirindo assim, por ambas as razões, uma omnipresente transtemporalidade –, de uma *a priori* efémera situação presencial de oralidade e de fugaz relação directa, mesmo que ciclicamente repetida, entre os orantes/ofertantes e as divindades aí e então invocadas, embora marcada, por força ritual, de uma eficácia religiosa e pactual ela própria desde logo suposta e pretendida como de efeito perene.

(d.4) Proposta de tradução: «(Damos-te) esta ovelha, ó *Trebopala*, e (damos-te) este porco, ó *Labbo*! (Damos-te) esta *comaia*, ó *Icona Loiminna*! (Damos-te) esta ovelha *ussea*, ó *Trebarune*, e (damos-te) este touro consagrado, ó *Reve Tre[...]*.»

Declinações e casos no léxico da *invocatio* de Cabeço das Fráguas

- Tema em *-a*: A atribuição de *Icona*, *Loiminna* e *Trebopala* e ainda dos substantivos *comaia* e *oilam* e do adjetivo *usseam* à 1.^a declinação, de tema em *-a*, a ninguém oferece dúvidas. Os teónimos em causa apresentam formas regularmente compatíveis com a sua interpretação como vocativo singular. Se fossem dativos singulares esperar-se-iam desinências em *-ai* ou *-ae*, como em Arronches e Lamas de Moledo (cfr. Anexo II, 1)⁶.

⁶ O único exemplo considerado seguro de dativo singular grafado com *-a* na epigrafia da área lusitano-galaica regista-se no altar de Ribeiro de Moinho, Covilhã (GARCIA 1991: 285 n.º 11), consagrado *Arantia Ocelaeca et Arantio Ocelaeco*. Todos os outros que costumam ser apontados como tal encontram-se feridos por sérias dúvidas de leitura ou podem mesmo ser desde já corrigidos noutra direcção (Búa 1999: 318-320).

Também a ara de Vale de Feitoso, Idanha-a-Nova (AE 1977: 102 ss.), que mostraria «una estructura sintáctica muy rara: al teónimo en nominativo TREBARON/NA sigue el nombre de una persona en dativo» (Untermann 2010: 81 n. 4), apresenta afinal um M no início da linha 2 – e não a sequência NA –, pelo que se constata haver sido consagrado a TREBARVN(e) – e não a *TREBARON/NA (cfr. Anexo I).

Devem ainda ter-se em conta as lúcidas observações de Búa (1999: 318), ora aplicáveis à inscrição de Ribeiro de Moinho: «los epígrafes votivos latinos documentan algunas formas teonímicas indígenas en *-a* en posición de dativo; nadie se ha planteado la posibilidad de someter estas formas en *-a* a un examen crítico sin sacarlas del contexto en que se hallan, que es puramente latino. De hecho, no debe olvidarse que los dativos en *-a* también se documentan [na epigrafia hispânica] entre las divinidades romanas» (Búa 1999: 318 – contra, VILLAR e PEDRERO 2001: 673-681; PRÓSPER 2002: 387-389; id. 2008: 63). Na verdade, o próprio F. Villar (1986), ao analisar com detalhe todos os testemunhos registados na epigrafia romana, itálica e provincial – quer republicana quer imperial – e ainda ao rever as teses dos vários autores que investigaram este específico fenómeno linguístico, concluiu já, «a la vista de los datos» – cuja imparcial objectividade não é contornável –, «que un dativo femenino en *-ā* es un hecho exclusivamente latino (a lo sumo también peligno)», o qual «no tiene ningún paralelo que permita atribuir a esa forma una ascendencia indoeuropea, ni siquiera itálica o italo-celta» (p. 52); «nada

- Tema em *-o*: A pertença à 2.^a declinação, de tema em *-o*, dos vocábulos *porcom* e *taurom* e a sua classificação como formas acusativas singulares são obviamente consensuais.

- Tema em *-i*: Já o mesmo não acontece com *Reve* nem com *Trebarune*, que consideramos como formas vocativas singulares da 3.^a declinação, de tema em *-i*, tendo para o efeito em conta os seguintes pressupostos operativos: (a.1) a desinência vocativa PIE em *-ei*, própria dos temas em *-i*; (a.2) e ainda o comportamento vocálico do tema, como em algumas formas nominativas/(vocativas) latinas, em *-ēs*; (b) a probabilíssima queda da sibilante final em Lusitano (vd. GORROCHATEGUI e VALLEJO 2010: 74-75: «si es cierta una perdida general de toda *-s* final, son varias las implicaciones morfológicas y sintácticas que pueden ponerse de manifiesto»; cfr. ainda VALLEJO 2013: 282, n. 43); (c) a evolução da desinência dativa *-ei* > *ē*, conforme no Latim arcaico, v.g. *Iunone* (cfr. ERNOUT 1953: 50 §66 e 40 §47; PISANI 1974: 165 e 176 §345; BALDI 2002: 310 e 326). Notemos que, nas inscrições latinas que do mesmo modo documentam estes teónimos, as suas formas dativas singulares são *Reve* e *Trebarune/-i* – afectando pois recíproca identi-

permite suponer un dativo indoeuropeo en *-ā*) (p. 57). Quanto ao exemplo de Ribeiro de Moinho, não poderá inclusive ser liminarmente descartada uma possível explicação de estrito cariz epigráfico – ou seja, não de âmbito filológico; mas se esta hipótese não se vier a confirmar, então haveremos de compreender as respectivas formas dativas em *-a* – patentes afinal num texto latino, pese embora a filiação lusitana dos teónimos invocados e dos seus epítetos – como consequente influência de um latim colonial de origem lacial não urbano, de acordo com as pertinentes considerações de Lazzeroni (1965; *apud* VILLAR 1986: 57) aplicáveis a este tipo de casos, e não como inesperada ‘excepção das excepções’ em domínio indoeuropeu não latino. Outros similares que eventualmente se detectem deverão ser, parece-nos óbvio, equacionados de igual forma, na falta de uma improvável inscrição em Lusitano que, de modo formal e inequívoco – e contraditoriamente com as já existentes – acabar porventura um dia por legitimar a surpreendente existência do fenómeno em causa numa língua indoeuropeia ocidental que não o Latim.

Addenda: Não deixa de ser notável o facto de, recentemente, se ter descoberto, em Cilleros, Cáceres, outro monumento consagrado ARANTIA (OLIVARES/RAMAJÓ 2013); talvez não seja pois mera coincidência a utilização destes aparentes dativos em *-a* no que se refere a já duas invocações da presente divindade e a explicação de tal fenómeno poderá eventualmente – repetimos – encontrar-se para lá do estrito domínio filológico ou, pelo menos, fora de uma estrita questão morfo-sintáctica.

dade morfológica –, facto que aparenta compadecer-se melhor com a atribuição conjunta destes nomes a uma mesma declinação⁷.

Também *ifadem*, acusativo singular – a que corresponde no texto de Arronches *ifate*, acusativo plural –, o qual propusemos (CARDIM-RIBEIRO 2010: 49) relacionar com o lat. *effatus*, “consagrado”, “determinado”/ “destinado”, “predito” (do Plt. **eks* + **fã-* < PIE **h₁eg^hs* + **b^heh₂-*, “fora” + “falar”: DE VAAN, 2008, p. 196 e 231; cf. ainda PCelt. **exs*, Celtib. *es, es-*, “fora”: MATASOVIĆ 2009: 119), poderá ser um adjectivo (biforme?) de tema em *-i*.

- Tema em *-n*: Como Untermann (*MLH* IV, p. 758; 2010: 82; cf. ainda WODTKO 2010: 343), vemos em *Labbo* um nome da 3.^a declinação, de tema em consoante (*-n*). Na verdade, se fôra um dativo singular de tema em *-o*, conforme pretendem a maior parte dos autores⁸, deveria surgir nas Fráguas com a desinência *-oi*, ou *-ui*, presente em todas as formas deste tema classificáveis como dativos singulares registadas nas inscrições em Lusitano (*Caelobrigoi*, *Magareaicoi*, *Petranioi*/*Petravioi* em Lamas de Moledo; *Haracui* – duas vezes – em Arronches) e, mesmo, em numerosos exemplos de teónimos paleohispânicos da área lusitano-galaica inseridos em textos latinos mas mantendo íntegro o seu fâcies pré-latino: *Nabiagoi*, *Vesucoi*; *Isibraegui*, *Langanidaeigui*, *Marandicui*... (cfr. Anexo II, quadros 1 e 2). Se fôra de facto um vocativo, mas de tema em *-o*, esperar-se-ia **Labbe*.

A forma *Labbo*, como vocativo singular de tema em *-n*, em si mesmo não oferece problemas. Coloca-se porém aqui a incontornável questão de relacionar, ou não, *Labbo* – tão só patente na inscrição rupestre situada no topo do Cabeço das Fráguas – com o teónimo *Laeopus* – documentado em várias aras provenientes em exclusivo do sopé deste mesmo acidente orográfico. Tal relação é, por exemplo, negada por Untermann (*MLH* IV: 758; 2010: 82) e, de modo implícito, também por Búa (1999). Todavia, neste aspecto alinhamos com os restantes

⁷ (a) *Reve* – tema em *-a*: Tovar 1985, Maggi 1983; tema em *-o*: Schmoll 1959; tema em *-u*: Villar 1996; tema em consoante: WITCZAK 2005, BLAŽEK 2006.

(b) *Trebarune/-i* – tema em *-a*: *passim*; tema em *-n*: BÚA s/d, UNTERMANN 2010; tema em consoante: WITCZAK 2005; porém, tema em *-i*: PRÓSPER 1994; VILLAR, p. 1993-95. Sínteses in *MLH* IV: 742; e em WODTKO 2010: 343.

⁸ Não atendemos à hipótese de Witczak (1999), que considera *Laebo* (sic) um dativo plural.

autores que, praticamente todos, consideram não haver uma simples coincidência de similitude fónica entre os nomes em análise, mas sim uma verdadeira relação de cariz etimológico. Embora tal aproximação parecesse mais segura quando, na epígrafe em Lusitano, se supunha a forma *LAËBO – hoje definitivamente corrigida para LABBO –, não causará decerto especial impedimento aceitar a identidade dos radicais *lābb-* e *laep-* como diferentes interpretações ortográficas na passagem a escrito de uma base comum antes conhecida no exclusivo domínio da oralidade. A *Labbo* oferece-se um porco, e o culto de *Laepus* restringe-se – como vimos – a uma área no sopé; tudo leva pois a crer que ambas sejam divindades tópicas, expressando-se assim através de teónimos constituídos a partir de uma mesma base toponímica que, desde tempos ancestrais, qualificaria esta elevação. A dificuldade reside na diferenciação morfológica das formas, *Labbo* de tema em *-n* e *Lae-pus* de tema em *-o*. Consideraríamos, assim, um antigo topónimo em *lāb-*, ou em *lāp-*, designativo daquele cabeço, na sua generalidade. Não iremos entrar aqui no possível significado semântico de tal topónimo, em qualquer dos casos muitíssimo provavelmente relacionado com as características geográficas do sítio; mas sim supor que o processo possa ter decorrido do seguinte modo – tendo sempre em conta a pré-existência da aludida base toponímica (FIG. 2):

(a) Em época pré-romana, proto-histórica, com base nesse topónimo e no âmbito de uma cultura e de uma realidade linguística lusitanas, haver-se-ia formado o teónimo *Lābbo*, em absoluta oralidade; e apenas bem mais tarde, já nos inícios do Império, passado a escrito utilizando-se o alfabeto latino – mas mantendo-se em versão lusitana – na epígrafe rupestre.

(b) De modo culturalmente independente – e, talvez também, culturalmente –, já em plena Romanidade e, aliás, numa época não demasiado precoce (sécs. II-III d.C.), e agora em preponderante contexto latino, ter-se-á sentido a necessidade de revivificar e re-consagrar a divindade típica do lugar, embora – por razões concretas ainda não totalmente elucidadas – desta feita circunscrita a um sítio específico do mesmo: ao sopé do monte. E, então, a partir do idêntico e perdurável topónimo local, em *lāb-/lāp-* (que até poderia actualmente pronunciar-se de maneira algo distinta do que séculos antes), ter-se-á construído, seguindo o mesmo esquema – que é o habitual –, uma nova forma teonímica de feição intrinsecamente latina, *Laepo* (dat.). Mas, enquanto que em âmbito cronológico pré-romano e em contexto linguístico lusitano o

topónimo-base em *lāb-/lāp-* havia proporcionado uma forma teonímica de tema em *n-*, agora, em época imperial e em preponderante – ou mesmo impositivo – contexto linguístico latino, o mesmo topónimo-base terá antes originado uma diversa – e bem mais vulgar – forma teonímica de tema em *-o*.

Assim mantemos a hipótese de relação etimológica entre *Lābbo* e *Laepus*, não supondo porém a ocorrência de um processo directo e horizontal, antes pois entendendo ambos os nomes como distintas – embora necessariamente similares – formas derivadas, em épocas e em contextos linguístico-culturais diferentes, de uma mesma e perdurável base toponímica pré-existente. Admitir, apenas, uma simples e directa latinização do teónimo lusitano a dada altura acontecida, **Labbo* > **Laepus*, explicando-se a diferença de tema com base exclusiva no processo e contexto dessa mesma latinização, é solução mais imediata e porventura mais económica, que não pode ser ela própria ignorada; mas cremos que a resolução que apresentamos, pese embora a sua maior complexidade, poderá estar talvez mais próxima da realidade histórico-linguística e processual ocorrida – decerto também ela notavelmente complexa, em muitos dos seus aspectos e particularidades.

Proposta quanto às declinações e casos dos substantivos e adjectivos registados na <i>invocatio</i> de Cabeço das Fráguas (cfr. Anexo II)		
Declin.	Casos	Vocábulos
tem. <i>-a</i>	voc. sing. acus. sing.	<i>Icona, Loiminna, Trebopala comaia, oilam, usseam</i>
tem. <i>-o</i>	acus. sing.	<i>porcom, taurom</i>
tem. <i>-i</i>	voc. sing. acus. sing.	<i>Revē (<ēs)⁹, Trebarunē (<ēs) ifadem¹⁰</i>
tem. <i>-n</i>	voc. sing.	<i>Labbo¹¹</i>

⁹ Proposta quanto à estrutura declinativa singular de *Reve*, com base em Búa 1997: 79-82; s/d: 66, e Witczak 1999; 2005: 103-104: nom. e voc. **Rēūē* (< **Rēūēs* < **Deiūēs* < **Dyew-ēs*); dat. *Rēūē* (< **Rēūei* < **Deiūei* < **Dyew-ei*).

¹⁰ Nom. sing. **ifad/tē* (<ēs), adjectivo biforme.

¹¹ Pressupondo-se um dat. sing. **Labboni/-e*.

¿Mas qual a razão, ou razões, que teriam condicionado a excepcional redacção do texto de Cabeço das Fráguas em discurso directo? Para procurar responder a esta questão deveremos, antes do mais, compreender quais as principais características (1) tipológicas e (2) estruturais dos vários textos que testemunham a prática de oferendas plurais no Ocidente hispânico – lusitanos de Cabeço das Fráguas, Lamas de Moledo e Arronches, latino da ara de Marecos –, bem como (3) as fundamentais especificidades do santuário de Cabeço das Fráguas.

Caracterização tipológica (factores comuns) das epígrafes que testemunham a prática de oferendas plurais no Ocidente hispânico

(a) Aspectos fundamentais:

(a.1) Não são inscrições votivas, pois nenhuma delas expressa a ideia de promessa ou de cumprimento de um voto.

(a.2) Todas elas traduzem, embora nem sempre de modo idêntico, a prática local de determinadas prescrições sacrificiais e rituais.

(a.3) Tais prescrições centram-se na oferenda (sacrifício) de uma série de animais a uma série de deuses, entre si correlacionados através do sexo e da importância/valor relativos.

(a.4) Trata-se de actos públicos e de significado colectivo no âmbito da(s) sociedade(s) interveniente(s), ancestralmente vinculada(s) a tais práticas e acreditadamente beneficiada(s) pelo ritual cumprimento das mesmas.

(b) Observações (especialmente quanto a Cabeço das Fráguas):

(b.1) «Todas las inscripciones indoeuropeas indígenas de la franja occidental de Hispania (...) tienen algo en común: El texto contiene la conmemoración (o la prescripción ritual para futuras ocasiones) de un sacrificio cruento a una serie de divinidades» (PRÓSPER 2010: 63).

(b.2) O texto das Fráguas expressa «una liturgia sacrificial» e «lo he llamado liturgia por que no es en primer lugar votivo o dedicación sino algo que yo llamaría una prescripción pensada para más de una vez» (KOCH 2010: 56).

(b.3) «De um modo geral, é tacitamente aceite tratar-se [Cabeço das Fráguas] de um texto votivo, no entanto, esta inscrição é algo mais que isso: supõe uma prescrição sacrificial» (SCHATTNER 2010: 109).

(b.4) «Não se trata [Cabeço das Fráguas] de uma vulgar inscrição votiva (...) mas de um texto litúrgico, sem dedicantes e que assina

determinadas oferendas a determinadas divindades» (SANTOS 2010: 138).

Caracterização estrutural desses mesmos textos epigráficos

(a) Cabeço das Fráguas (lus.):

(a.1) Estrutura textual: Singela¹² – a uma série de nomes de animais (dádivas) corresponde simétrica e paralelamente uma série de nomes de divindades. Cada nome de animal (por vezes adjetivado) e seu correlativo teónimo (por vezes epitetado) integram e preenchem por inteiro um curto segmento frásico, repetindo-se tal estrutura desde o início até ao fim do texto, embora através de três blocos distintos mas sequenciais: o primeiro bloco inclui dois desses curtos segmentos frásicos, entre si reunidos pela partícula copulativa *indi*; o segundo integra apenas um segmento frásico; o terceiro repete o esquema do primeiro.

(a.2) Posicionamento sintáctico do teónimo: vocativo (?).

(a.3) Posicionamento sintáctico da dádiva: acusativo.

(b) Lamas de Moledo (lus.):

(b.1) Estrutura textual: Complexa¹³ – o principal corpo textual, que regista um ritual colectivo aqui testemunhado através da oferenda de dois animais (adjetivados) respectivamente a duas divindades (epitetadas), é precedido pelos seguintes elementos: (1) menção de dois indivíduos, que aludidamente escreveram o texto (frase em Latim, forma verbal *scripserunt*); (2) menção do dedicante colectivo, expressa através de um etnónimo em nominativo plural, seguindo-se uma forma verbal plural no presente, compreensível no âmbito do campo semântico da dádiva (frase em Lusitano, forma verbal *doenti*, “dão”).

(b.2) Posicionamento sintáctico do teónimo: dativo.

(b.3) Posicionamento sintáctico da dádiva: acusativo.

¹² Note-se a total ausência da menção de dedicantes e/ou de outros personagens intervenientes, de formas verbais, ou de quaisquer elementos textuais complementares.

¹³ Note-se a menção de personagens intervenientes; dos dedicantes; e de formas verbais.

(c) **Arronches** (lus.):

(c.1) Estrutura textual: Complexa¹⁴ – três partes distintas, respectivamente constituídas (1) pela menção dos rituais de oferenda, (2) pela nomeação dos intervenientes e (3) pelo registo de dados complementares. (1) Os rituais de oferenda apresentam-se, por sua vez, subdivididos em três blocos distintos, embora sequenciais: (1.1) divindade feminina (teónimo praticamente indecifrável) a quem se dá três diferentes animais; (1.2) grupo de três divindades (culminando com *Reve*), a cada qual se dá 10 animais idênticos entre si (culminando com 10 touros “consagrados”); (1.3) grupo de duas divindades de cariz vincadamente tutelar, a cada qual se dá um animal. (2) Menção de três indivíduos, através do registo dos respectivos antropónimos em versão latinizada, conjuntamente denominados como *ougurani*. (3) Trecho a bem dizer indecifrado, mas que conterà, parece – e além de outros dados complementares –, algumas referências aos presentes ritos.

(c.2) Posicionamento sintáctico do teónimo: dativo.

(c.3) Posicionamento sintáctico da dádiva: acusativo.

(d) **Marecos** (lat.):

(d.1) Estrutura textual: Complexa¹⁵ – três partes distintas, respectivamente constituídas (1) pela menção dos rituais de oferenda, (2) pelo registo de dados complementares e (3) pela nomeação dos intervenientes. (1) Os rituais de oferenda apresentam-se, por sua vez, subdivididos em dois blocos distintos, embora sequenciais: (1.1) oferendas de animais a *Nabia*, quer com epíteto quer na sua feição singela; (1.2) grupo de três divindades, à primeira das quais (*Iupiter*) são ofertados dois animais, às restantes um animal a cada. (2) Menção do âmbito de validade dos ritos («para o ano») e das circunstâncias de lugar, temporais e cronológicas em que estes se realizaram. (3) Menção de três indivíduos, através do registo dos respectivos antropónimos, conjuntamente denominados como *curatores*.

(d.2) Posicionamento sintáctico do teónimo: dativo.

(d.3) Posicionamento sintáctico da dádiva: acusativo.

¹⁴ Note-se a menção de personagens intervenientes; e de um trecho complementar que aparentemente aludirá às práticas rituais antes enunciadas.

¹⁵ Note-se a expressa menção de personagens intervenientes; do registo do objectivo primordial dos sacrifícios e das circunstâncias relacionadas com os ritos; e das explícitas referências de datação.

Fundamentais especificidades do santuário de Cabeço das Fráguas

(a) Principal característica: sua assumida e perdurável centralidade, como sagrado *axis mundi* evidente na paisagem e comum aos vários territórios circundantes e às respectivas comunidades.

(b) Observações:

(b.1) «O Cabeço (...) cedo assumiu papel de destaque como um importante marco visual na geografia física e religiosa das comunidades proto-históricas da região. Comprova-o não só a longevidade da sua ocupação, desde os últimos momentos do Bronze Final até ao séc. I, como também a vitalidade do uso deste espaço no âmbito cultural, manifesta no factor de continuidade que perpassa as subseqüentes reformulações da área de acrópole» (SANTOS e SCHATTNER 2010: 104-105).

(b.2) «O 'santuário' do Cabeço das Fráguas poderá então ser entendido como '*meeting place*', lugar sacro de encontro, para dirimir sob protecção divina todo o tipo de questões políticas, económicas e sociais. A sua importância neste papel mantém-se até tarde, como o comprovam a inscrição lusitana bem como a romanização do local» (SENNA-MARTÍNEZ 2010: 23).

(b.3) Neste santuário «algo que definitivamente chama a atenção de uma forma mais imediata é (...) o cuidado posto na demarcação deste recinto e a sua organização sob a égide da circularidade. A própria laje escolhida para receber a inscrição não é fruto do acaso, encontrando-se precisamente no centro físico da coroa do monte que, de resto, apresenta uma configuração sub-circular. (...) O que parece claro é que este sítio terá desempenhado uma função de lugar central, ao qual se deslocariam os habitantes dos territórios envolventes» (SANTOS 2010: 135 e 137).

A simplicidade formal e a estrutura simétrica do texto das Fráguas, bem como o evidente cariz de *omphalos* que este santuário desempenhou no âmbito territorial e comunitário envolventes, explicitam e justificam *de per se* – se assim nos podemos expressar – a passagem a escrito de uma verdadeira *invocatio* ritual. Neste contexto, impunha-se evidentemente a utilização de formas vocativas para designar os teónimos – para chamar os deuses, para lhes falar directamente. Esta pretendida proximidade, facultada pelo vocativo, não teria de facto sido conseguida através do dativo, caso que pela sua própria natureza é alheio à ideia de presencialidade:

Teónimos – vocativo vs. dativo:

- Vocativo¹⁶: A utilização do vocativo investe e concretiza o ser interpelado como actor primordial no âmbito do contexto circunstancial decorrente, presenciando-o e activando-o também a ele próprio no mesmo espaço e no mesmo tempo onde se situa e onde age o actor-interpelador.

- Dativo¹⁷: A utilização do dativo afasta o ser assim designado do tempo e/ou do espaço inerentes ao contexto circunstancial decorrente, centrando-se agora a atenção sobretudo no actor-dedicante e no próprio acto por ele a dada altura praticado; circunscrevendo-se pois o papel do primeiro ao de mero receptor aqui ‘passivo’ e ‘ausente’ – remetido pois para um passado, para um futuro, ou mesmo que incluso num certo ‘presente histórico’ – das preces, dos ritos e das oferendas ora registados pelo segundo, que os efectuou, efectua ou efectuará num outro quadro real, aqui apenas enunciado/rememorado.

As não muito numerosas preces registadas no mundo itálico – e, mais tarde, nas províncias imperiais – que acrescentam à interpelação vocativa da(s) divindade(s) a expressa menção da(s) respectiva(s) ofe-

¹⁶ (a) «Le vocatif (...) installe l'être nommé dans ce présent réel où s'effectue la parole. (...) En désignant l'être au vocatif le locuteur le convie à prendre place dans le temps d'accomplissements de la parole comme son partenaire, soit : comme l'objet animé visé par cette parole ; il lui confère, donc, une 'présence vraie', la présence vraie d'un 'toi' » (CARVALHO 1985 : 828-829).

(b) «Al caracterizar el vocativo hago más las palabras de L. Prat [1975], para quien es un caso 'en la vida' frente al resto, que serían casos 'en la frase'. El apóstrofe (...) que el vocativo practica con respecto a la línea discursiva, nos transfiere desde la frase a las condiciones externas del acto de habla y, concretamente, al interlocutor». «Yo creo que la apelación, la función propia del vocativo, se diferencia claramente de la exclamación (...). Y es que la apelación supone la presencia del interlocutor que, además, se convierte en referente del discurso» (MORALEJO 1986: 305 e 306).

(c) «On ne peut nier que, comme signalaient les auteurs de l'Antiquité, le vocatif est une deuxième personne 'par définition'. Et je pense que ceci est parfaitement exact. Il n'existe pas d'emploi du vocatif dans lequel cette valeur soit absente» (SUÁREZ MARTINEZ 1991 : 40).

¹⁷ «Il semble donc légitime d'affirmer que la première articulation sous-tendant le système casuel latin est celle qui oppose un cas de 'présence vraie' – le vocatif – à un ensemble de cas relevant de la 'représentation de l'absent', c'est-à-dire ayant en commun de faire référence à un moment qui, reconstruit par la phrase, se déclare par là-même, extérieur (...) au 'présent réel' du locuteur» (CARVALHO 1985 : 829).

renda(s), nomeadamente de animais, poderão – pelo menos até certo ponto – servir de paralelo para a *invocatio* lusitana de Cabeço das Fráguas. Porém, na maioria desses exemplos as oferendas registam-se em ablativo; o que não impede que nalguns outros surjam afinal, como nas Fráguas, em acusativo.

(a) Preces implicando dádivas, estruturadas com vocativo (teónimo) + ablativo (objecto da dádiva)

(a.1) *Tabulae Iguvinae* VIa, linhas 25-26, 27-29, 33-34, 35, 45, 54-55:

-texto: *di : grabouie : tio : esu : bue : peracrei : pihaclu : ocreper : fisiu : totaper : iouina : irer nomneper* ^{/26} *erar : nomneper (...) d<e>i : grabouie : persei tuer : perscler : uaseto : est : pesetom est : peretom est* ^{/28} *frosetom est : daetom est : tuer : perscler : uirseto : auirseto : uas : est : di grabouie : persei : mersei : esu : bue* ^{/29} *peracrei : pihaclu : pihafei (...) di : grabouie : tio : esu : bue* ^{/34} *peracri : pihaclu : ocreper : fisiu : totaper : iouina : erer : nomneper : erar : nomneper : di : grabouie : tio : subocau* ^{/35} *di : grabouie : tio : esu : bue : peracri : pihaclu : etru : ocreper : fisiu : totaper : iouina : erer : nomneper : erar : nomneper (...)* ^{/45} *di : grabouie : tiom : esu : bue : peracri : pihaclu : tertiu : ocriper : fisiu : totaper : iouina : erer : nomneper : erar : nomneper (...) di : grabouie : tio : comohota : tribrisine : buo : peracnio : pihaclo* ^{/55} *ocriper : fisiu : totaper : iouina : erer : nomneper : erar : nomneper : di : grabouie : tiom : subocau*

- tradução: «Ó Júpiter Grabóvio, (invoco-te) através deste boi apropriado (?) como sacrifício expiatório, em favor do monte *Fisus*, em favor da cidade de *Iguvium*, em favor do nome (daquele), em favor do nome (desta). (...) Ó Júpiter Grabóvio, se alguma coisa no teu rito estiver viciada, estiver lacunar, estiver transgredida, estiver desviada, estiver omissa, se no teu rito existir um qualquer vício, ó Júpiter Grabóvio, se tal for conforme ao direito, através deste boi apropriado (?) como sacrifício expiatório seja (essa falta) expiada. (...) Ó Júpiter Grabóvio, (invoco-te) através deste boi apropriado (?) como sacrifício expiatório, em favor do monte *Fisus*, em favor da cidade de *Iguvium*, em favor do nome (daquele), em favor do nome (desta). Ó Júpiter Grabóvio invoco-te! Ó Júpiter Grabóvio, (invoco-te) através deste boi apropriado (?) como segundo sacrifício expiatório, em favor do monte *Fisus*, em favor

da cidade de *Iguvium*, em favor do nome (daquele), em favor do nome (desta). (...) Ó Júpiter Grabóvio, (invoco-te) através deste boi apropriado (?) como terceiro sacrifício expiatório, em favor do monte *Fisus*, em favor da cidade de *Iguvium*, em favor do nome (daquele), em favor do nome (desta). (...) Ó Júpiter Grabóvio, trago até ti esta tríade de bois apropriados (?) como sacrifícios expiatórios em favor do monte *Fisus*, em favor da cidade de *Iguvium*, em favor do nome (daquele), em favor do nome (desta). Ó Júpiter Grabóvio, invoco-te!»¹⁸

(a.2) Cato, *De Agr.*, 132.2:

- **texto:** *Iupiter dapalis, macte istace dape pollucenda esto, macte uino inferio esto.*¹⁹

- **tradução:** «Ó Júpiter hóspede do sacrifício, sê honrado através da dádiva do repasto sacrificial que aqui está, sê honrado por este vinho oferecido».

(a.3) Cato, *De Agr.*, 134.2-3:

- **texto:** *Iane pater, te hac strue ommouenda bonas preces precor uti sis uolens propitius mihi liberisque meis, domo familiaeque meae.*

Iupiter, te hoc fertō obmouendo bonas preces precor uti sis uolens propitius mihi liberisque meis, domo familiaeque meae, mactus hoc fertō.

Iane pater, uti te strue ommouenda bonas preces bene precatus sum, eiusdem rei ergo macte uino inferio esto.

Iupiter, macte isto fertō esto, macte uino inferio esto.

- **tradução:** «Ó Jano pai, por este bolo a ti oferecido e através (destas) boas preces, imploro-te que sejas favorável e propício, a mim, aos meus filhos, à (minha) casa e às minhas gentes.»

«Ó Júpiter, por este bolo a ti oferecido e através (destas) boas preces, imploro-te que sejas favorável e propício, a mim, aos meus filhos,

¹⁸ Cfr. tradução latina de Pisani 1986³: 146-152 ; e de Ernout 1961: 33-35. Cfr. tradução inglesa de Poultney 1959: 242-248; e de Ancillotti e Cerri 1997: 72-76. Cfr. tradução italiana de Prodocimi 1978: 651-659 (publicada de novo in Gernia 2004: 78-80). Cfr. tradução francesa (parcial) de Chapot e Laurot 2001: 313-314.

¹⁹ «Dans la prière sacrificielle, entre les deux éléments de la formule *macte esto* est enclavé un groupe comprenant le nom, à l'ablatif, de la victime ou de l'offrande (ici *dape*) et un adjectif verbal dérivé d'un verbe signifiant "immoler" (*immolare*, *libare* ou, comme ici, *pollucere*)» (CHAPOT e LAUROT 2001: 249).

à (minha) casa e às minhas gentes, honrado com este bolo.»

«Ó Jano pai, tal como pelo bolo a ti oferecido e através das boas preces que apropriadamente implorei, do mesmo modo sê honrado por este vinho oferecido.»

«Ó Júpiter, sê honrado por este bolo, sê honrado por este vinho oferecido».

(a.4) Cato, *De Agr.*, 141.3-4:

- **texto:** *Mars pater, te precor quaesoque uti sies uolens propitius mihi, domo familiaeque nostrae (...). Harumce rerum ergo (...) macte hisce suouitaurilibus lactentibus immolandis esto. Mars pater, eiusdem rei ergo macte hisce suouitaurilibus lactentibus immolandis esto. Item.*

Mars pater, si quid tibi in illisce suouitaurilibus lactentibus neque satisfactum est, te hisce suouitaurilibus piaculo.

Mars pater, quod tibi illoc porco neque satisfactum est, te hoc porco piaculo.

- **tradução:** «Ó Marte pai, imploro-te e suplico-te que sejas favorável e propício a mim, à (minha) casa e às nossas gentes (...); em razão destes actos (...) sê honrado através das imolações destas ‘suovetaurilias’ lactentes. Ó Marte pai, em razão deste mesmo acto sê honrado através das imolações destas ‘suovetaurilias’ lactentes. [Repetir outra vez].»

«Ó Marte pai, se alguma coisa naquelas ‘suovetaurilias’ lactentes não te fez satisfeito, através destas (outras) ‘suovetaurilias’ como sacrifício expiatório te (satisfarás).»

«Ó Marte pai, pois que através daquele porco não foste satisfeito, através deste (outro) porco como sacrifício expiatório te (satisfarás).»

(a.5) *CIL VI 32323 (Lud. Saec.)*, linhas 92-99, 105-106, 121-122, 136-137):

- **texto:** *Moerae (...) uobis VIII agnis feminis et VIII capris feminis propriis sacrum fiat: uos quaeso precorque uti (...). Harum rerum ergo macte hac agna femina immolanda estote (...).*

Iuppiter optime maxime (...) tibi hoc boue mare pulchro sacrum fiat: te quaeso precorque, uti (...)

Iuno regina (...) tibi boue femina pulchra sacrum fiat: te quaeso precorque, uti (...)

Terra mater (...) tibi sue plena propria sacrum fiat: te quaeso precorque, uti (...)

- **tradução:** «Ó Meras! (...) faça-se um sacrifício a vós através de nove ovelhas fêmeas e de nove cabras fêmeas apropriadas. Imploro-vos e suplico-vos para que (...). Em razão destes actos, sede honradas através desta ovelha fêmea, que deve ser imolada (...).»²⁰

«Ó Júpiter óptimo e máximo! (...) faça-se um sacrifício a ti através de um bovino macho corpulento. Imploro-te e suplico-te para que (...).»

«Ó Juno rainha! (...) faça-se um sacrifício a ti através de um bovino fêmea corpulento. Imploro-te e suplico-te para que (...).»

«Ó Terra mãe! (...) faça-se um sacrifício a ti através de uma porca grávida apropriada. Imploro-te e suplico-te para que (...).»²¹

(a.6) *Acta Arvalia* 27 d.C. (Scheid 1998, n.º 5 linhas 9-30):

- **texto:** *Iuppiter optime maxime, si Ti. Caesar (...) et Iulia Augusta (...) ad pridie nonas Ianuarias (...) uiuent et incolumes erunt et eum diem eosque, quos me sentio dicere, saluos seruaueris ex pericoli, tum tibi, nomine collegi fratrum arualium, boue aurato uoueo esse futurum. (...) Iuno regina, quae in uerba Ioui optimo maximo boue aurato uoui esse futurum, (...) ast tu ea ita faxis, tum (...) boue aurata uoueo esse futurum. Minerua, quae in uerba Ioui optimo maximo boue aurato uoui esse futurum, (...) ast tu ea ita faxis, tum (...) boue aurata uoueo esse futurum. Dea Dia, quae in uerba Ioui optimo maximo boue aurato uoui esse futurum, (...) ast tu ea ita faxis, tum (...) boue aurata in luco uoueo esse futurum.*²²

- **tradução:** «Ó Júpiter óptimo e máximo, se Tibério César (...) e Júlia Augusta, na véspera das nonas de Janeiro (...), vivem e estão incólumes, se nesse dia tu guardaste sãos e salvos dos perigos aqueles que eu tive a consciência de nomear, (...) então – celebro o voto – ser-

²⁰ «Le sacrifice aux Moires eut lieu la nuit du 31 mai au 1.^{er} juin [17 a.C.], sur le Champ de Mars, en présence d'Auguste et Agrippa. La prière est prononcée par l'empereur. (...) La phraséologie est conforme à celle des textes de prière les plus anciens» (Chapot e Laurot 2001: 287-288).

²¹ Os sacrifícios a Júpiter e a Juno tiveram respectivamente lugar nos dias 1 e 2 de Junho (de 17 a.C.), na colina do Capitólio. As preces foram pronunciadas por Agripa. O sacrifício à Terra-mãe teve lugar na noite de 2 para 3 de Junho. As preces foram pronunciadas por Augusto.

²² *Invocationes* idênticas ou similares transcritas nas *actae* de 36, 38, 54, 81, 86, 87, 92 (?), e 164/169 d.C. (Scheid 1998, n.ºs 7, 12, 22, 23, 48, 54, 55, 60, 84 e 85).

te-á, em nome do colégio dos *fratres aruales*, feito um sacrifício através de um boi com os cornos dourados, que irá ser teu. (...) Ó Juno rainha, nos mesmos termos daqueles segundo os quais celebrei o voto de fazer a Júpiter óptimo e máximo um sacrifício através de um boi com os cornos dourados, que irá ser dele, (...) se tu do mesmo modo realizas isso, então – celebro o voto – ser-te-á (...) feito um sacrifício através de uma vaca com os cornos dourados, que irá ser tua. Ó Minerva, nos mesmos termos daqueles segundo os quais celebrei o voto de fazer a Júpiter óptimo e máximo um sacrifício através de um boi com os cornos dourados, que irá ser dele, (...) se tu do mesmo modo realizas isso, então – celebro o voto – ser-te-á (...) feito um sacrifício através de uma vaca com os cornos dourados, que irá ser tua. Ó *Dea Dia*, nos mesmos termos daqueles segundo os quais celebrei o voto de fazer a Júpiter óptimo e máximo um sacrifício através de um boi com os cornos dourados, que irá ser dele, (...) se tu do mesmo modo realizas isso, então – celebro o voto – ser-te-á (...) feito, no bosque sagrado, um sacrifício através de uma vaca com os cornos dourados, que irá ser tua.»

(a.7) *CIL* II 2660e (162-166 d.C.):

- **texto:** *Donat hac pelli, Diana, Tullius te (...) ipse quam detraxit apro (...)*²³.

- **tradução:** «Presenteia-te com esta pele, ó Diana, *Tullius* (...), a qual ele mesmo arrancou do javali (...).»

(b) Preces implicando dádivas, estruturadas com vocativo (teónimo) + acusativo (objecto da dádiva)

(b.1) *Tabulae Iguvinae* IIb, linha 24:

- **texto:** *Iupater : saçe : tefe : vitlu : vufriu : sestu*

- **tradução:** «Ó Júpiter Sâncio, coloco diante de ti este vitelo votivo.»²⁴

²³ Trata-se de uma *invocatio* não propriamente ritual, porquanto inserida numa artificiosa composição poética – embora de intrínseco cariz devocional.

²⁴ Cfr. tradução latina de Pisani 1986³: 205-207; e de Ernout 1961: 23. Cfr. tradução inglesa de Poultney 1959: 198; e de Ancillotti e Cerri 1997: 95. Cfr. tradução italiana de Prosdocimi 1978: 723.

(b.2) *Acta Arvalia* 91 d.C. (SCHEID 1998, n.º 59 linhas [1]-20):

- **texto:** *Iuppiter optime maxime, si Imperator Caesar (...) Domitianus Augustus (...) et Domitia Augusta (...) uiuent domusque eorum incolumis erit ante diem tertium nonas Ianuarias (...), tunc tibi, nomine collegi fratrum arualium, bouem auratum uouemus esse futurum. Iuno regina, quae in uerba Ioui optimo maximo bouem auratum uouimus esse futurum (...) astu ea ita faxsis, tunc tibi (...) bouem auratam uouemus esse futurum. Minerua, quae in uerba Ioui optimo maximo bouem auratum uouimus esse futurum, (...) astu ea ita faxsis, tunc tibi (...) bouem auratam uouemus esse futurum. Salus Augusta publica (...), quae in uerba Ioui optimo maximo bouem auratum uouimus esse futurum, (...) astu ea ita faxsis, tunc tibi (...) bouem auratam uouemus esse futurum.*²⁵

- **tradução:** «Ó Júpiter ótimo e máximo, se o Imperador César (...) Domiciano Augusto (...) e Domícia Augusta (...) vivem e a sua casa está incólume no terceiro dia antes das nonas de Janeiro (...), então – celebramos o voto – ser-te-á, em nome do colégio dos *fratres aruales*, sacrificado um boi com os cornos dourados, que irá ser teu. Ó Juno rainha, nos mesmos termos daqueles segundo os quais celebrámos o voto de sacrificar a Júpiter ótimo e máximo um boi com os cornos dourados, que irá ser dele, (...) se tu do mesmo modo realizas isso, então – celebramos o voto – ser-te-á (...) sacrificada uma vaca com os cornos dourados, que irá ser tua. Ó Minerva, nos mesmos termos daqueles segundo os quais celebrámos o voto de sacrificar a Júpiter ótimo e máximo um boi com os cornos dourados, que irá ser dele, (...) se tu do mesmo modo realizas isso, então – celebramos o voto – ser-te-á

²⁵ Scheid (1990: 374 e n. 1), considera este documento «truffé de sollécismes et d'erreurs», pese embora a sua coerência sintáctica na totalidade das quatro preces enunciadas, que a presença de alguns lapsos não chega para desacreditar. Já noutras duas *actae*, as de 90 e de 101 d.C. (SCHEID 1998, n.ºs 58 e 62), encontramos de facto uma aleatória mistura dos dois tipos de estruturas sintácticas utilizados nas preces inseridas neste *corpus* protocolar, aquela que prepondera largamente – voc. + abl. – e a excepção aqui documentada – voc. + ac. Não deixa ainda de ser no entanto possível que a *acta* de 169/177 (SCHEID 1990, n.º 85), cujo texto publicado é maioritariamente uma reconstituição, documente afinal, conforme sugerem as letras conservadas na respectiva linha 10 (...ORATIS BOVEM) – e segundo uma sugestão de J. M. Reynolds (*apud* Mărghită e Petolescu 1976: 86) –, uma variante da fórmula *bovem cornibus auro decoratis*, patente na inscrição subsequente (IDR III.2 241).

(...) sacrificada uma vaca com os cornos dourados, que irá ser tua. Ó *Salus Augusta* pública, nos mesmos termos daqueles segundo os quais celebrámos o voto de sacrificar a Júpiter óptimo e máximo um boi com os cornos dourados, que irá ser dele, (...) se tu do mesmo modo realizas isso, então – celebramos o voto – ser-te-á (...) sacrificada uma vaca com os cornos dourados, que irá ser tua.»

(b.3) IDR III.2 241:

- **texto:** [...] /¹ (...) [*Iuno Regina quae in verba I(ovi) O(ptimo) M(aximo) bovem cornibus auro*] / *decorat[is] vovimus esse futurum* (...), *astu ea ita faxis, tunc*] / *tibi in ead[em] verba bovem cornibus auro decoratis vovimus esse futuram*] / *Minerva, qu[ae] in verba I(ovi) O(ptimo) M(aximo) bovem cornibus auro decoratis vovimus esse futurum*], /⁵ (...), *astu ea ita faxis, tunc tibi in eadem verba bovem corni-]* / *[b]us auro decorat[is] vovimus esse futuram*; *Salus publica* (...), *quae in ver*] / *[b]a I(ovi) O(ptimo) M(aximo) bo[vem] cornibus auro decoratis vovimus esse futurum*] / (...), *astu ea ita faxis, tunc tibi in eadem verba bo*] / *[ve]m cornibus auro [decoratis vovimus esse futuram. Invicte]* /¹⁰ *[Ma]rs* (...) ²⁶

- **tradução:** «(...) Ó Juno rainha, nos mesmos termos daqueles segundo os quais celebrámos o voto de sacrificar a Júpiter óptimo e máximo um boi com os cornos decorados a ouro, que irá ser dele, (...) se tu do mesmo modo realizas isso, então – celebramos o voto – prometemos-te uma vaca com os cornos decorados a ouro, que irá ser tua. Ó Minerva, nos mesmos termos daqueles segundo os quais celebrámos o voto de sacrificar a Júpiter óptimo e máximo um boi com os cornos decorados a ouro, que irá ser dele, (...) se tu do mesmo modo realizas isso, então – celebramos o voto – prometemos-te uma vaca com os

²⁶ «It is possible that our inscription refers to the activity of this *concilium III Daciarum* which has been supposed to date back to the union of the three Dacias under Marcus Aurelius (A.D. 168-9). (...) It is evident that the text of the inscription contains formulae of the type to be found in the Acta of the Arval Brothers. (...) These inscriptions most probably record the religious activity which went on in this province, in connection with the invocations and sacrifices that were annually offered on the third of January for the health of the Emperor and his family» (MÄRGHITAN e PETOLESCU 1976). Quanto a esta notável inscrição cfr. ainda PISO 2005; e NEMETI 2015: 256-260 n.º 6. Cfr. o M conservado no início da linha 9, o qual, no presente contexto epigráfico e textual, garante a exactidão da reconstituição de acordo com o esquema voc. + ac.

cornos decorados a ouro, que irá ser tua. Ó *Salus* pública, nos mesmos termos daqueles segundo os quais celebrámos o voto de sacrificar a Júpiter óptimo e máximo um boi com os cornos decorados a ouro, que irá ser dele, (...) se tu do mesmo modo realizas isso, então – celebramos o voto – prometemos-te uma vaca com os cornos decorados a ouro, que irá ser tua. Ó invicto Marte (...)»

(b.4) Tertuliano, *De Coron. Milit.* 12.3:

- **texto:** *Tunc tibi, Iuppiter, bouem cornibus auro decoratis uouemus esse futurum.*²⁷

- **tradução:** «Então a ti, ó Júpiter, prometemos-te este boi com os cornos decorados a ouro, que irá ser teu.»

(b.5) Fox, 1912, n.º 1²⁸:

- **texto:** (...) *Proserpina Saluia* (...), *do tibi caput Plotii Auoniae. Proserpina Saluia, do tibi frontem Ploti. Proserpina Saluia, do tibi supercilia Ploti. Proserpina Saluia, do tibi palpebras Ploti. Proserpina Saluia, do tibi pupillas Ploti. Proserpina Saluia, do tibi nares, labra, oriculas, nasum, linguam, dentes Ploti, (...) collum, umeros, brachia, digitos, (...) pectus, iocinera, cor, pulmones, (...) intestina, uent* ʽremʼ, *umbilicu* ʽmʼ, *latera, (...) scapulas, (...) uiscum sacrum, (...) natis, anum, femina, genua, crura, tibias, pedes, talos, plantas, digitos, ungis* (...).

- **tradução:** «(...) Ó Proserpina Salvia (...), dou-te a ti a cabeça de *Plotius*, escravo/filho de *Avonia*. Ó Proserpina Salvia, dou-te a ti o rosto de *Plotius*. Ó Proserpina Salvia, dou-te a ti as sobrancelhas de *Plotius*. Ó Proserpina Salvia, dou-te a ti as pálpebras de *Plotius*. Ó Proserpina

²⁷ Tertuliano especifica o contexto desta prece no âmbito da «profissão anual dos votos, a primeira perante os Príncipes, a segunda nos Capitólios»: *Ecce annua uotorum nuncupatio: quid uidetur? Prima in principiis, secunda in capitoliis.*

²⁸ 'Prece judiciária' proveniente de *Roma* (?). Trata-se da primeira de um conjunto de cinco *tabellae* plúmbeas com textos praticamente idênticos, embora cada qual em nome de um diverso indivíduo (*Plotius, Avonia, Vesonio, Secunda, Aquillia*), conservadas na Johns Hopkins University, em Baltimore. Edição-base: Fox 1912; cfr. ainda comentário linguístico de Ernout 1947³: 100-104 (n.º 140); e tradução inglesa in Gager 1992: 240-242 n.º 134. Aprox. 75-40 a.C. (Fox 1912: 57-60). Quanto ao conceito de 'prece judiciária' e às características deste tipo de textos, vd. sobretudo Versnel 1991; e id., 2010: 321-352.

Salvia, dou-te a ti as pupilas de *Plotius*. Ó Proserpina Salvia, dou-te a ti as narinas, os lábios, as orelhas, o nariz, a língua, os dentes de *Plotius*, (...) o pescoço, os ombros, os braços, os dedos, (...) o peito, o fígado, o coração, os pulmões, (...) os intestinos, o ventre, o umbigo, os flancos, (...) as costas, (...) o 'órgão sagrado', (...) as nádegas, o ânus, as coxas, os joelhos, as pernas, as canelas, os pés, os calcanhares, as solas, os dedos, as unhas (...).»

(b.6) *AE* 2001: n.º 1135²⁹:

- **texto:** *Domine Megare invicte, tu qui Attidis corpus accepisti, accipias corpus eius qui (...). Illius corpus tibi et anima(m) do dono (...). Tunc tibi (h)ostia(m) quadrupede(m), do(mi)ne Attis, voveo (...).*

- **tradução:** «Ó senhor Mégaro invicto, tu que agarraste o corpo de Átis, agarra o corpo daquele que (...). O corpo e a alma dele dou-te como dádiva (...). Depois disso a ti, ó senhor Átis, prometo em voto uma vítima quadrúpede (...).»

Benveniste (1969 I: 29-30), ao analisar a palavra *suouetaurilia*, salienta não ser esta «un composé ordinaire, mais un juxtaposé comportant non des thèmes nominaux, mais des formes casuelles. Il est formé d'une succession de trois ablatifs. Pourquoi ce juxtaposé?» E a resposta que encontra é a seguinte: «C'est qu'il est tiré de l'expression rituelle où le nom de l'animal sacrifié est à l'ablatif: *sū facere* "sacrifier au moyen d'un animal", et non l'animal lui-même». Por fim, conclui: «*facere* + l'ablatif est certainement la construction ancienne». Mas em ambas as séries que apresentámos, quer com ablativo quer com acusativo, encontramos exemplos de todas as épocas. Saliente-se, no que se refere a casos antigos com oferendas expressas em acusativo, a *Tabula Iguvina* IIb 24, ou ainda as 'Johns Hopkins *tabellae defixionum*', *grosso modo* da 1.ª metade do séc. I a.C. (cf. ERNOUT 1947: 100-104 n.º 140). A diferença não será pois sobretudo de origem cronológica, antes sim circunstancial, traduzindo-se através da intrínseca natureza funcional do caso intencionalmente adoptado:

²⁹ 'Prece judiciária' proveniente de *Salacia (Lusitania)*. Segunda metade do séc. I d.C. (ENCARNAÇÃO e FARIA 2002: 263). Sobre este importante documento cfr. ainda Guerra 2003; Marco 2004; Nascimento 2010: 17-21 n.º 2; Tomlin 2010: 260-264 n.º 4; Versnel 2010: 297-300 n.º 3.1.1.4; e Gordon 2012: 197-198 n.º 1.1.

Oferendas – acusativo vs. ablativo:

- Acusativo³⁰: A utilização do acusativo concretiza, particulariza – e, até certo ponto, presencia – o objecto prometido em voto, dado, ou colocado/sacrificado diante da divindade. Trata-se de uma determinada dádiva, de um determinado animal ofertado – mesmo que já no passado, ou ainda no futuro –, e não de uma dádiva ou de um animal apenas de tipo definido mas materialmente distante. Além disto, a tónica é posta nessa determinada dádiva ou nesse determinado animal, e não nas circunstâncias rituais – ou outras – em que se processou, processa ou processará tal oferenda ou sacrifício. Tal dádiva (acusativo) encontra-se em relação estreita, directa e objectiva com a forma verbal – explícita ou implícita – que, nesse contexto, caracteriza e condiciona a acção expressa na frase: *do, dedit, voveo...*

- Ablativo³¹: A utilização do ablativo ‘desmaterializa’ até certo ponto o objecto prometido em voto, ofertado, ou colocado/sacrificado diante da divindade. Trata-se agora não da evidência de uma determinada dádiva concreta, de um determinado e particular animal oferecido – mesmo que já no passado, ou ainda no futuro –, mas sim sobretudo da

³⁰ (a) «Ainsi l'accusatif fait voir, dans chacun de ses emplois, un être intervenant en position d'apport conclusif, subordonné, à la représentation, engagé à partir d'un autre être, d'un certain cas d'événement. Mais cette personne seconde, conclusive, est un NON-SUJET ou NON-PROTAGONISTE 'privilegié', puisqu'il se trouve à proximité immédiate du SUJET ou PROTAGONISTE, et qu'il constitue avec celui-ci, comme son partenaire, la 'présence vive' de l'événement délocuté. Enfin, tout comme le TOI [vocatif] est, dans l'instant de la parole, un MOI virtuel, ce NON-PROTAGONISTE 'présent', 'essentiel', 'constitutif' signifié par l'accusatif se laisse lui aussi caractériser comme 'protagoniste' virtuel, voire, si l'on veut, comme un 'quasi-protagoniste', ou 'protagoniste en second'». «On met (...) à l'accusatif le nom de tout être dont on ne sait dire que ceci quand à sa relation à l'événement délocuté: x (=NON-MOI) est là, devant moi, soumis à mon regard» (CARVALHO 1985 : 833 e 838).

(b) «Creo que [el acusativo] es el caso determinante de verbo sin más especificación, hecho que (...) le permite mantener con el verbo una relación tan estrecha como sea precisa» (MORALEJO 1986: 313-314).

³¹ (a) «L'ablatif (...) est, littéralement, la représentation du 'dehors' d'un 'dedans', c'est-à-dire de ce qui, appartenant au 'présent' de l'événement délocuté, se situe, néanmoins, 'en marge' de ce 'présent'» (CARVALHO 1985 : 857).

(b) «El dativo (...) expresa (...) la 'causa inanimada del proceso'» (Groot 1956, *apud* GUTIÉRREZ 2004: 310-311).

(c) «Al caracterizar el ablativo como caso adverbial circunstancial lo oponemos al acusativo (...)» (MORALEJO 1986: 316).

mera referência a um determinado tipo de dádiva, de animal, materialmente distante e remetido para um outro quadro real; oferenda **através** da qual – e não **com** a qual – se honra a divindade. A tónica é pois aqui posta nas circunstâncias, principalmente rituais, e nas condicionantes e contextos em que se processou, processa ou processará tal oferenda ou sacrifício, e não na dádiva ou no animal em si mesmos que conjunturalmente participaram, participam ou participarão nesses eventos.

Compreendemos agora melhor porque na *invocatio* das Fráguas as ofertas animais vêm em acusativo, tal como acontece nas epígrafes de cariz propriamente votivo (por exemplo, *CIL* II 3820 = CORELL 2002: 48-51 n.º 2, de *Saguntum*³²), ou nas que comemoram um acto religioso e ritual já realizado (por exemplo, Arronches ou Marecos). Em qualquer dos casos não se trata de uma dádiva apenas tipologicamente definida embora fisicamente (ainda) não materializada, ou ainda da simples designação do «véhicule de la demande adressée aux dieux que l'on implore» (CHAMPEAUX 2010: 21) – como nas preces com ablativo –, mas sim de uma oferenda concreta, particular, escolhida, que em virtude das suas individuais qualidades se entregou, entrega ou entregará aos deuses³³.

A análise do texto do Cabeço das Fráguas, feita à luz do entendimento funcional dos casos gramaticais aí empregues, ora no que se refere aos animais sacrificados, revela-nos pois a personalidade própria e a dimensão operante desta prece e da prática ritual que lhe está – ou à qual ela está – indelevelmente associada.

Estrutura do texto de Cabeço das Fráguas: significado cultural

- Dádivas, acusativo: Concretas; adequadas; pressupõe-se a sua prévia selecção e tratamento atendendo a vários factores e caracterís-

³² DIANAE MAXIMAE / VACCAM OVEM ALBAM PORCAM / ... //

³³ É interessante notar que o peso da habitualidade inerente a estas práticas, vinculadas ao concreto e celebradas no quotidiano, se vá mesmo reflectir em certas preces oficiais onde, tendo em conta a respectiva estrutura frásica e conceptual, esperaríamos encontrar formas ablativas – e não acusativas (por exemplo na *Ac. Arv.* de 91 d.C., SCHEID 1998, n.º 59; em *IDR* III.2 241; ou na menção de Tertuliano, que advém – como vimos – da pública «profissão anual de votos»).

ticas específicos; presentes. Preponderante – decisivo – papel no ritual.³⁴

- Teónimos, vocativo: Directa interpelação das divindades. Sua acreditada presença efectiva e convivencial no decurso das práticas rituais, no *locus sacer* e no *tempus sacrum* específicos e concretos. Possibilidade de lhes falar, de com elas pessoalmente estabelecer – e de renovar – os *pacta fidei* nos termos ancestralmente acordados entre elas mesmas e as comunidades ali representadas através dos respectivos cultuantes. Seu papel activo e dominante no âmbito das cerimónias religiosas praticadas em assumido ‘diálogo’ com elas.

Concluindo

¿Em que consiste e o que representa, pois, o monumento epigráfico rupestre de Cabeço das Fráguas, no seu todo? Segundo acreditamos trata-se, em primeiro lugar, do registo escrito de uma *invocatio*, ou, se se preferir, de uma série coerente de cinco *invocationes* agrupadas e sequenciadas de acordo com um critério o qual diríamos preponderantemente hierárquico e funcional, iniciando-se com duas divindades que Dumézil inseriria na ‘3.ª função’ e finalizando com outras duas de cariz celeste, ou soberano – sendo estas, aliás, as únicas a quem se doam animais adjectivados. Na sua inequívoca singularidade, esta inscrição de facto não se enquadra num âmbito estritamente votivo, nem se cinge ao averbamento memorialista de uma determinada cerimónia ritual acontecida; mas não é também uma mera ‘prescrição ritual’ ou ‘sacrificial’

³⁴ Supomos que o mais adequado tipo de forma verbal que haverá de ser subentendido no âmbito do texto em análise deverá remeter para a ideia de “dar”, de “ofertar” – sem dúvida no presente e, talvez (atendendo ao carácter público e colectivo do ritual), na 1.ª pessoa do plural, “damos-te”. Tal opção baseia-se quer no efectivo registo de uma forma verbal deste tipo no memorial ritualista lusitano de Lamas de Moledo, *doenti* (cf. *MLH* IV: 739; PRÓSPER 2002: 63-64; WITCZAK 2005: 125-129), quer ainda nas intrínsecas características do verbo *dare*, designadamente em contextos rituais: «the verb transferring something (*do/dono*) to the god is never in the future tense but always in either the present or the perfect. Consequently, it is not a promise to give (and hence is not part of a conditional proposition) but a performative present (or past) referring to an action that is now being performed or has already taken place: the object is hereby ceded to the god» (VERSNEL 2010: 348).

pensada para mais de uma vez, espécie de lacónica sùmula de uma *lex sacra* deste santuário. A sua estrutura sintáctica, bem como a marcante simetria formal dos seus diferentes componentes textuais e respectivos conteúdos semânticos, imprimem-lhe um indiscutível carácter de actuante eficácia e, supomos, de evidente oralidade, concretamente de prece ritual pronunciada em âmbito cerimonial – e na acreditada presença das próprias divindades interpeladas e obsequiadas.

Decerto transmitida de geração em geração, talvez ao longo de séculos e periodicamente (¿anualmente?) pronunciada neste mesmo local, centro convergente e sacralizado dos territórios circundantes e das várias comunidades humanas aí viventes, esta tradicional prece em língua lusitana, integrada num contexto de práticas cerimoniais e de ritos visando a imperiosa e benéfica renovação dos vínculos de *pietas* com os deuses – e em simultâneo também, por certo, dos pactos de *fides* inter-comunitários, ou do simples e natural fortalecimento da *concordia* consuetudinária –, esta prece, dizíamos, foi a dada altura, nos alvares da Romanidade, passada a escrito, utilizando-se como veículo o alfabeto latino e como suporte um afloramento rochoso situado não muito longe do centro do recinto sagrado (vd. FIG. 3). Assim se cristalizou agora e se fixou, no tempo e no espaço, aquilo que antes era efêmero e volátil, acrescentando sobremaneira, com os novos meios técnicos e de acordo com os pressupostos mentais facultados pela escrita, a eficácia jurídica e religiosa das palavras – ora materializadas, palpáveis e perenes.

Importa porém sublinhar que este registo escrito da oralidade se afasta, em termos da sua própria natureza funcional – e apesar das respectivas analogias sintácticas e de conteúdo –, das frases ou conjuntos frásicos invocatórios e com aquele mesmo perfil locutório inclusos em textos de cariz actuário, como os dos *fratres aruales*, ou similares, ou de cariz regulamentar, como as prescrições úmbrias de *Ikuvium*, ou ainda das menções ‘literárias’ de um Catão ou de um Tertuliano. Antes se aproxima muito mais, pelas concretas circunstâncias de ritualidade em que se insere e às quais está íntima e indissociavelmente ligado, das designadas ‘preces judiciárias’. De facto, pesem no entanto, agora aqui, todas as manifestas diferenças conjunturais e culturais relativas às particulares características intrínsecas de cada qual e às suas tão diferentes essências e motivos operantes, em ambos os casos estamos afinal perante a ritual corporalização material de uma prece, cuja eficácia se deseja assim aumentar e perpetuar.

Com a sua continuada e activa invocação de toda uma série de

divindades ligadas àqueles territórios e àqueles comunidades e, através desses deuses – e da sua assim conseguida presencialidade –, unindo ali globalmente os vários planos cósmicos, desde o infernal ao celeste, o loquaz registo epigráfico rupestre das Fráguas transmutou a rocha em que se inscreve num verdadeiro e poderoso *axis mundi*, exponenciando assim o significado e o simbolismo daquele antigo *locus sacer* como escolhido ponto de encontro e de renovada solidariedade quer entre comunidades vizinhas, quer entre tais grupos humanos e seus numes.

ANEXO I: Ara de Vale Feitoso

(a) Leitura/interpretação convencional (Garcia 1991: 349-350 n.º 195; Curado 1989: 365; Villar 1993-95: 371 e 382; Búa, s/d: 503; Prósper 2002: 47):

TREBARON/NA • PROTAE / TANCINI F(*ilii* ?) / SACER A++
/⁵ D(e) S(uo) P(osuīt) M(onumentum) G(aius) / FRONT(onius) CA-
MAL(us) //

Observação: «La inscripción del altar hallado en Idanha-a-Nova (AE 1977: 102s.) muestra una estructura sintáctica muy rara: al teónimo en nominativo TREBARON/NA sigue el nombre de una persona en dativo PROTAE TANCINI F(*iliae*) SACER(*doti*)» (Untermann 2010: 81 n. 4).

(b) Nova leitura e interpretação (baseada num exame directo do monumento sob adequada luz rasante – Figs. 4 e 5):

TREBARON(*e/i*) / M(*arcus*)³⁵ • PROTAE(*idius*)³⁶ / Danci-

³⁵ Vemos pois que os dois indivíduos mencionados nesta epígrafe apresentam ambos o mesmo tipo de estrutura onomástica, constituída não apenas pelo nome pessoal e pelo patronímico normais na tradição paleohispânica mas ainda antecidos de uma sigla prenominal latina, respectivamente *M(arcus)* e *G(aius)*.

³⁶ Cfr. o patronímico *Protaeidi*, documentado na região de Cáceres (AALR: 273 col. 1; vd. ainda VALLEJO 2005: 476, revelando dúvidas: «nada similar se halla en la onomástica hispana»; e Abascal 1994: 472 col. 2, exprimindo certezas: «por el contexto es, con seguridad, nombre indígena»); cfr. ainda a forma abreviada PROTAE, registada como marca sobre peças de “sigillata” hispânica alto-imperial, comumente desenvolvida PROTAE(*idius*) ou PROTAE(*idus*) (cfr. MORAIS 2007).

NI³⁷ F(ilius) /⁵ ŞACĒRA³⁸ Ş(olvit) L(ibens) / D(e) S(uo) P(osuit) M(onumentum) / G(aius) FRONT(onius) CAMAL(us)³⁹ //

proposta de tradução: «A Trebaron(es/-is), M(arcus) Protæ(i-dius) filho de Dancin(i)us os ritos cumpriu de bom grado. Do seu di-nheiro colocou este monumento G(aius) Front(onius) Camal(us).

ANEXO II: Proposta quanto às declinações em Lusitano

1. Vocábulos e casos registados em inscrições paleohispânicas: temas em *-a*, em *-i*, em consoante (*-n*) e em *-o* (A = Arronches; AP = Arroyo del Puerco; CF = Cabeço das Fráguas; LM = Lamas de Moledo):

Decl./Caso	Des. sg.	Vocábulos	Reconstr.
tema <i>-a</i> nom.	*-a		*oila
voc.	-a	ICCONA (f.), CF LOIMINNA (f.), CF TREBOPALA (f.), CF	

³⁷ A curva bem patente no início da linha 3 garante estarmos perante *Dancini* – e não *Tancini* –, pese embora o carácter excepcional destas formas antroponímicas, porém características da área lusitana (cfr. VALLEJO 2005: 300).

³⁸ *Sacera*, com epêntese. Quanto a este tipo de epêntese, que vai buscar a vogal do nominativo, cfr., p.e., *fratere, frateri e materi* (in PIRSON 1901: 59). [Quanto ao cariz adventício do próprio *-e-* de *sacer* < **sakre* (vd. a forma *sakros* in *CIL* I2 1), cfr., v.g., Maniet 1955², § 45- 2.º]. Outra hipótese de interpretação, na sua base já antes aventada: ŞACĒR(dos) A(nimo) Ş(olvit) L(ibens), «sacerdote cumpriu de bom grado».

³⁹ Alternativa à interpretação da linha 6: (a) FRONT(onius) CAMAL(i); (b) FRONT(onio) CAMAL(o); (c) FRONT(onio) CAMAL(i); (d) FRONT(o) CAMAL(us); (e) FRONT(o) CAMAL(i); (f) FRONT(one) CAMAL(o); (g) FRONT(one) CAMAL(i).

Alternativa à tradução da linha 6: (a) «Front(onius) (filho) de Camal(us)», suj.; (b) «(em favor) de Front(onius) Camal(us)»; (c) «(em favor) de Front(onius) (filho) de Camal(us)»; (d) Front(o) Camal(us), suj.; (e) «Front(o) (filho) de Camal(us)», suj.; (f) «(em favor) de Front(o) Camal(us)»; (g) «(em favor) de Front(o) (filho) de Camal(us)».

Decl./Caso	Des. sg.	Vocábulos	Reconstr.
acus.	-am	COMAIAM (f.), CF ERBAM (f.), A OILAM (f.), CF, A VSSEAM (f.), CF	
gen.	-a	CARLA ⁴⁰ (f.), A	
dat.	-(e)ai -(ei)ae	CROVGAI (m.), LM IOVEAI (m.), LM BROENEIAE (f.), A	
loc.	-ae	CARLAE (f.), AP	

Decl./Caso	Des. pl.	Vocábulos
tema -a acus.	-a	OILA (f.), A

Decl./Caso	Des. sg.	Vocábulos	Reconstr.
tema -i nom.	*-e/-i		*Ifad/te *Muniti/-e *Band(u)i/-e
voc.	-e	REVE (m.), CF TREBARVNE (f.), CF	
acus.	-em	IFADEM (m./f. ?), CF	

⁴⁰ Num estudo que temos em preparação (desde já sumariado em Cardim-Ribeiro, 2015) abordamos o vocábulo CARLA patente na linha 5 da epígrafe lusitana de Arronches, considerando-o morfologicamente uma forma genitiva singular de tema em -a, a confrontar com o genitivo itálico em -as da 1.ª declinação, do PIE *-eh₂es (comum, p.ex., ao Oско, ao Umbro e ao Latim arcaico: cfr. Ernout 1953³: 19 §16; Pisani 1974⁴: 156 §319; Baldi 2002: 318), e tendo ainda em conta a aludida queda da sibilante final em Lusitano (Gorrochategui e Vallejo 2010: 74-75; Vallejo 2013: 282 n. 43). Aliás, também em Latim arcaico existem exemplos deste tipo de formas genitivas com queda do -s final, v.g., em CIL I² 442 (cfr. Ernout 1947³: 51 §102).

Decl./Caso	Des. sg.	Vocábulos	Reconstr.
dat.	-e/-i	<i>BANDI</i> (m.), A <i>HARASE</i> (f.), A <i>MVNITIE</i> ⁴¹ (f.), A, AP ? <i>REVE</i> (m.), A	
tema -n nom.	*-o		* <i>Labbo</i>
voc.	-o	<i>LABBO</i> (m.), CF	
dat.	-oni/-e		* <i>Labboni/-e</i>

Decl./Caso	Des. pl.	Vocábulos
tema -i acus.	-e	<i>IFATE</i> (m./ f. ?), A

Decl./Caso	Des. sg.	Vocábulos	Reconstr.
tema -o nom.	*-o		* <i>porco</i>
acus.	-om	<i>ANCOM</i> ⁴² (m.), LM <i>ĬADOM</i> ou <i>ĬAIDOM</i> ⁴³ (m.), LM <i>LAMATICOM</i> (m.), LM <i>PORCOM</i> (m.), CF, LM <i>TAVROM</i> (m.), CF	

⁴¹ Cfr. forma latinizada dat. sing. MVNIDI (nom. sing. **Munidis*): BÚA s/d: 53-54; PRÓSPER 2002: 187-188.

⁴² Na ordinação das três linhas em Latim com que se inicia a inscrição de Lamas de Moledo recorreu-se clara e profusamente à utilização de nexos, cinco ao todo. Porém, nas linhas em Lusitano (4 a 11) existem situações em que é difícil – e incerto – optar entre a sua interpretação como nexos ou, antes, como simples especificidades de grafismo traduzidas no desenho e entalhe de certas letras como que tangentes umas às outras mas devendo ler-se separadamente. Assim por exemplo, na linha 6, é *a priori* bastante discutível escolher de modo peremptório – e apenas por motivos paleográficos – entre ANCOM, ANVCOM, AMVCOM, AVVCOM, ou mesmo AVVNCOM.

⁴³ Lemos, entre as linhas 9 e 10 da inscrição de Lamas de Moledo, ĬADOM PORCOM – ou ĬAIDOM (neste trecho da inscrição existe, aparentemente, um pe-

Decl./Caso	Des. sg.	Vocábulos	Reconstr.
dat.	-oi -ui	CAEILOBRIGOI (m.), LM MAGAREAIKOI (m.), LM PETRAVIOI ou PETRANIOI ⁴⁴ (m.), LM HARACVI (m.), A	

Decl./Caso	Des. pl.	Vocábulos	Reconstr.
tema -o nom.	-i	OVGVRANI (m.), A VEAMINICORI ou VEAMINI CORI (m.), LM	
acus.	*-o		TAV[RO] (m.), A

2. Vocábulos e casos registados em inscrições latinas ou mistas: temas em -a, em -o, em -i e em -u (AC = Avelelas, Chaves; AF = Aveiro/Feira; B = Braga; BP = Bemposta, Penamacor; C = Covilhã; CB = = Castelo Branco; Co = Coria; FF = Furtado, Fornos de Algodres; G = = Guiães, Vila Real; IN = Idanha-a-Nova; M = Meda; Md = Medelim, Idanha-a-Nova; Mi = Minhotães, Barcelos; MP = Meimoa, Penamacor; O = Ourense; pass. = passim (vários casos, dispersos); Q = Queiriz, Fornos de Algodres; SA = Santo Amaro, Ourense; SL = Sober/Lugo; V = Viseu; XL = Xinzo de Limia, Ourense):

queníssimo I subscrito por debaixo do A; cfr., v.g., desenho e foto in *MLH* IV: 751 e 752) –, que interpretamos como “porco castanho”. Quanto a *badom/baidom*, ac. (**bad-*/**baido*, nom.), cfr. adj. latino *badius*, “castanho”, “pardo” (em Latim qualificando a cor de um cavalo); *badius* < **bodyos*, com **o* > *a* depois de labial. Plt. **boþjo-*; Alr. *buide*, “amarelo” < PCelt. **bod-io-*. Apenas presente em Itálico e em Celta (De Vaan 2008: 67-68; Matasović 2009: 70). Cfr. Gaul. *badios*, *bodios*, “amarelo”, “louro”; vocalismo popular em -a, característico dos nomes de cores; *ᵱIE* **bhā-dyo-s*, de uma raiz **bhā-*, *bhō-*, *bhə-*, “brilhar”, “luzir”? (cfr. Delamarre 2001: 54). A forma *baidom* apresentaria metátese do -i-.

⁴⁴ Percorrendo todo o texto lusitano de Lamas de Moledo apenas encontramos um nexa absolutamente incontestável, patente na linha 9, nexa que, devido à acentuada obliquidade do respectivo traço 3, porventura se deve ler AV preferivelmente a NA.

Decl./Caso	Des. sg.	Vocábulos
tema -a dat.	-(i)ai	<i>CROVGIAI</i> (m.), XL
tema -o dat.	-oi	<i>NABIAGOI</i> (m.), B
	-oe	<i>VESVCOI</i> (m.), Mi
	-ui	<i>TONGOE</i> (m.), B
		<i>TOVDADIGOE</i> (m.), XL
		<i>BRIALEACVI</i> (m.), C
		<i>ISIBRAIEGVI</i> (m.), BP
		<i>LANGANIDAEIGVI</i> (m.), Md
		<i>MARANDICVI</i> (m.), G
		<i>TATIBEACVI</i> (m.), Q
		<i>VORDIAIGEVI</i> (m.), IN
		<i>VORDEACVI</i> (m.), M
	-ue	<i>ALANOBRIGVE</i> (m.), SA

Decl./Caso	Des. pl.	Vocábulos
tema -a dat.	-abor	<i>DEIBABOR</i> (f.), V
	-abo	<i>DEIBABO</i> (f.), AC
tema -o dat.	-obor	<i>DEIBOBOR</i> (m.), V
	-obo	<i>VISSAIEIGOBOR</i> (m.), V
	-ubo	<i>ARQVIENOBO</i> (m.), SL
		<i>LVGVBOR</i> (m.), SL

Decl./Caso	Des. sg.	Vocábulos
tema -i dat.	-ei	<i>ARASEI</i> (f.), FF
	-e/-i	<i>BANDEI</i> ⁴⁵ (m.), C
		<i>ARASE</i> (f.), MP
		<i>BANDE</i> (m.), AF
		<i>BANDI</i> (m.), pass.

⁴⁵ Supondo-se, a partir de um nominativo singular **Bandui/e*, as seguintes formas dativas singulares: *Bandui/e-ei* > **Bandu-ei* > (1) > *Bandue* > *Bandu*; (2) > *Bandei* > *Bande* > *Bandi*.

Decl./Caso	Des. sg.	Vocábulos
		<i>BANDVE</i> (m.), O <i>REVE</i> (m.), pass. <i>TREBARVNE</i> (f.), pass. <i>TREBARONNE</i> (f.), CB <i>TREBARONI</i> ⁴⁶ (f.), Co
tema -u dat.	-u	<i>BANDV</i> ⁴⁷ (m.), pass.

BIBLIOGRAFIA

- AALR*: vd. NAVARRO CABALLERO, Milagros; RAMÍREZ SÁDABA, José Luis (2003).
 ABASCAL, Juan Manuel (1994) – *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Murcia: Universidad.
 ALARCÃO, Jorge de (2001) – Novas perspectivas sobre os Lusitanos. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 4.2, Lisboa, p. 293-349.
 ALFAYÉ, Silvia; MARCO, Francisco (2008) – Religion, language and identity in Hispania. In Häussler, R. (ed.), *Romanisation et Épigraphie. Études Interdisciplinaires sur l'Acculturation et l'Identité dans l'Empire Romain*. Montagnac: Éditions Monique Mergoil, p. 281-305.
 ANCILLOTTI, Augusto; CERRI, Romolo (1997) – *The Tables of Iguvium*, Perugia: Edizioni Jama.
 BALDI, Philip (2002) – *The Foundations of Latin*, Berlin-New York: Walter de Gruyter.
 BENVENISTE, Emile (1969) – *Le Vocabulaire des Institutions Indo-Européennes*, Paris: Les Éditions de Minuit.
 BLÁŽEK, Václav (2006) – Lusitanian Language, *Studia Minora Facultatis Philosophicae Universitatis Brunensis* 11, Brno, p. 5-18.
 BLÁZQUEZ, José María (1995) – Algunos dioses hispanos en inscripciones rupestres. In Rodríguez Colmenero, A. e Gasperini, L. (eds.), *Saxa Scripta. Actas del Simpo-*

⁴⁶ Cfr. forma latinizada dat. sing. *TRIBORVNNI* (nom. sing. **Triborunnis*): Búa s/d: 73 e 578.

⁴⁷ Pode deduzir-se a existência de uma declinação de tema em -u- em Lusitano a partir da forma dativa *BANDV*, originada pela presunção de que o -i/-e do dat. sing. **Ban-dui/e-ei* faria parte da desinência e não do tema (***Bandu-i/eei* > **Bandu-ēi*), tendo-se tratado o vocábulo como sendo um tema em -u- e, assim, construído a forma dativa contracta *BANDV* (cfr., numa perspectiva similar, PEDRERO 1999: 540).

- sio Internacional Ibero-Itálico sobre Epigrafia Rupestre*, A Coruña: Ediciós do Castro, p. 47-59.
- BÚA, Juan Carlos (s/d) – *Estudio Lingüístico de la Teonimia Lusitano-Gallega*, Universidad de Salamanca: tesis doctoral.
- BÚA, Juan Carlos (1999) – Hipótesis para algunas inscripciones rupestres del occidente peninsular. In Beltrán, F. e Villar, F. (coords.), *Pueblos, Lenguas y Escrituras en la Hispania Prerromana: Actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas*, Salamanca: Ediciones Universidad, p. 309-327.
- CARDIM-RIBEIRO, José (2002) – A ‘ideologia tripartida dos Indoeuropeus’. In Cardim Ribeiro, J. (coord.), *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 369-370.
- CARDIM-RIBEIRO, José (2010) – Algumas considerações sobre a inscrição em ‘Lusitano’ descoberta em Arronches. In *Serta Palaeohispanica in Honorem Javier de Hoz*, (*Palaeohispanica* 10), Zaragoza: Institución Fernando el Católico, p. 41-62.
- CARDIM-RIBEIRO, José (2015) – La inscripción lusitana de Arronches. In *Lusitania Romana. Origen de Dos Pueblos*, Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, p. 35-40.
- CARVALHO, Paulo de (1985) – *Nom et déclinaison. Recherches morpho-syntaxiques sur le mode de représentation du nom en Latin*, Bordeaux: Presses Universitaires.
- CHAMPEAUX, Jacqueline (2010) – «*Certis precationibus*». In Roesch, S. (ed.), *Prier dans la Rome Antique*, Paris: Éditions L’Harmattan, p. 13-33.
- CHAPOT, Frédéric; LAUROT, Bernard (2001) – *Corpus de Prières Grecques et Romaines*, Turnhout: Brepols.
- CORELL, Josep (2002) – *Inscripcions Romanes del País Valencià; I: Saguntum i el seu Territori*, (*Fonts Històriques Valencianes*, 12), València: Universitat.
- CURADO, Fernando Patrício (1989) – As inscrições indígenas de Lamas de Moledo (Castro Daire) e do Cabeço das Fráguas, Pousafoles (Sabugal). In *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu: Governo Civil, p. 349-370.
- CURADO, Fernando Patrício (1996) – As inscrições indígenas de Lamas de Moledo e do Cabeço das Fráguas. In Alarcão, J. e Santos, A. (eds.), *De Ulisses a Viriato*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 154-159.
- CURADO, Fernando Patrício (2002) – A ‘ideologia tripartida dos Indoeuropeus’ e as religiões de tradição paleohispânica no Ocidente peninsular. In Cardim Ribeiro, J. (coord.), *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 71-77.
- DE HOZ, Javier (1986) – La religión de los pueblos prerromanos de Lusitania. In Chaparro Gómez, C. (coord.), *Manifestaciones Religiosas en la Lusitania*. Cáceres: Universidad de Extremadura, p. 31-49.
- DELAMARRE, Xavier (2001) – *Dictionnaire de la Langue Gauloise*, Paris: Éditions Errance.
- DE VAAN, Michiel (2008) – *Etymological Dictionary of Latin and the other Italic Languages*, Leiden-Boston: Brill.
- ENCARNAÇÃO, José d’ (1995) – Panorâmica e problemática geral da epigrafia rupestre

- em Portugal. In Rodríguez Colmenero, A. e Gasperini, L. (eds.), *Saxa Scripta. Actas del Simposio Internacional Ibero-Itálico sobre Epigrafía Rupestre*, A Coruña: Ediciós do Castro, p. 261-277.
- ENCARNAÇÃO, José d'; FARIA, João Carlos (2002) – O santuário romano e a *defixio* de Alcácer do Sal. In Cardim Ribeiro, J. (coord.), *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 259-263.
- ERNOULT, Alfred (1947³) – *Recueil de Textes Latins Archaiques*, Paris: C. Klincksieck.
- ERNOULT, Alfred (1953³) – *Morphologie Historique du Latin*, Paris: C. Klincksieck.
- ERNOULT, Alfred (1961) – *Le Dialecte Ombrien. Lexique du vocabulaire des Tables Eugubines et des inscriptions*, Paris: C. Klincksieck.
- FOX, William (1912) – *The Johns Hopkins Tabellae Defixionum*, Baltimore: The Johns Hopkins Press.
- GAGER, John G. (1992) – *Curse Tablets and Binding Spells from Ancient World*, New York-Oxford: Oxford University Press.
- GARCIA, José Manuel (1991) – *Religiões Antigas de Portugal*, Lisboa: INCM.
- GERNIA, Maria Luisa Porzio (2004) – *Offerta Rituale e Mondo Divino. Contributo all'Interpretazione delle Tavole di Gubbio*, Alessandria: Edizioni dell' Orso.
- GORDON, Richard L. (2012) – *Ut tu me vindices: Mater Magna and Attis in some new latin curse-texts*. In Mastrocinque, A. e Giuffrè Scibona, C. (eds.), *Demeter, Isis, Vesta, and Cybele. Studies in Greek and Roman Religion*, Stuttgart: Franz Steiner Verlag, p. 195-212.
- GORROCHATEGUI, Joaquín; VALLEJO, José María (2010) – Lengua y onomástica: las inscripciones lusitanas. In Schattner, Th. e Santos, M. J. (eds.), *Porcom, Oilam, Taurom. Cabeço das Fráguas: o Santuário no seu Contexto*, (Iberografias 6), Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, p. 71-80.
- GROOT, Albert Willem de (1956) – Classification of cases and uses of cases. In Hal- le, M., Lunt, H. G., McLean, H. e Schooneveld, C. L. van (eds.), *For Roman Jakobson: Essays on the Occasion of his Sixtieth Birthday*, La Haya: Mouton, p. 187-194.
- GUERRA, A. (2003) – Anotações ao texto da *tabella defixionis* de Alcácer do Sal, *Revis- ta Portuguesa de Arqueologia* 6.2, Lisboa, p. 335-339.
- GUTIÉRREZ, Marco (2004) – El dativo latino, *Emerita* 72.2, Madrid, p. 301-350.
- GUYONVARCH, Christian-Joseph (1967) – L'inscription du Cabeço das Fráguas (Portu- gal), *Ogam* 19.3-4, Rennes, p. 253-263.
- KOCH, Michael (2010) – Postoloboso, Cabeço das Fráguas, Monte do Facho. In Schat- tner, Th. e Santos, M. J. (eds.), *Porcom, Oilam, Taurom. Cabeço das Fráguas: o Santuário no seu Contexto*, (Iberografias 6), Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, p. 55-62.
- LAZZERONI, Romano (1965) – Il dativo 'sabelico' in -a. Contributo alla conoscenza della latinizzazione dei Peligni, *Studi e Saggi Linguistici* 5, Pisa, p. 65-86.
- MAGGI, Daniele (1983) – Sui teonimi *Trebopala* e *Icona* nell' iscrizione lusitana del Cabeço das Fráguas. In Campanile, E. (ed.), *Problemi di Lingua e di Cultura nel Campo Indoeuropeo*, Pisa: Giardini, p. 53-60.

- MANIET, Albert (1955²) – *L'Évolution Phonétique et les Sons du Latin Ancien dans le Cadre des Langues Indo-Européennes*, Louvain-Paris: Nauwelaerts.
- MARCO, F. (2004) – Magia y cultos orientales: Sobre una *defixio* de Alcácer do Sal (Setúbal) con mención de Attis, *MHNH. Revista Internacional de Magia y Astrología Antiguas* 4, Málaga, p. 79-94.
- MARCO, Francisco (2005) – Religion and religious practices of the ancient Celts of the Iberian Peninsula, *E-Keltoi 6: The Celts in the Iberian Peninsula*, Wiscounsinn, p. 287-345. (www.uwm.edu/Dept/celtic/ekeltoi).
- MĂRGHITAN, Liviu; PETOLESCU, Constantin C. (1976) – *Vota pro salute Imperatoris* in an inscription at *Ulpia Traiana Sarmizegetusa*, *The Journal of Roman Studies* 66, London, p. 84-86.
- MATASOVIĆ, Ranko (2009) – *Etymological Dictionary of Proto-Celtic*, Leiden-Boston: Brill.
- MLH IV: vd. UNTERMANN, Jürgen (1997).
- MORAIS, Rui (2007) – Breve informação sobre duas marcas em *terra sigillata* hispânica alto-imperial recolhidas em Braga, *Al-Madan* s. 2, 15, Almada, p. 153-154.
- MORALEJO, José Luis (1986) – Sobre los casos latinos, *Revista de la Sociedad Española de Lingüística* 16.2, Madrid, p. 293-323.
- MORALEJO, Juan José (2008) – *Callaica Nomina*, A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza.
- NASCIMENTO, Aires Augusto (2010) – *Legere, perlegere*: da singularidade epigráfica ao sentido do texto e do monumento, *Sylloge Epigraphica Barcinonensis* 8, Barcelona, p. 13-27.
- NAVARRO CABALLERO, Milagros; RAMÍREZ SÁBADA, José Luis, coords. (2003) – *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida: Fundación de Estudios Romanos; Bordeos: Ausonius.
- NEMETI, SORIN (2015) – *Vota pro salute imperatoris* in Dacia. In Zugravu, N. (ed.), *Atti del Convegno Ideologia del Potere – Potere dell'Ideologia*, (*Classica et Christiana* 10), Iași: Editura Universității Alexandru Ioan Cuza, p. 251-262.
- OLIVARES PEDREÑO, Juan Carlos (2002) – *Los Dioses de la Hispania Céltica*, Madrid: Real Academia de la Historia.
- OLIVARES PEDREÑO, Juan Carlos; RAMAJO, Luis María (2013) – Un altar votivo procedente de Cilleros dedicado a los dioses lusitanos *Arentia* y *Arentius* y precisiones sobre otra inscripción votiva de Villamiel, *Veleia* 30, Vitoria-Gasteiz, p. 193-203.
- PEDRERO, ROSA (1999) – Aproximación lingüística al teónimo lusitano-gallego *Bandue*/*/Bandi*. In Beltrán, F. e Villar, F. (coords.), *Pueblos, Lenguas y Escrituras en la Hispania Prerromana: Actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas*, Salamanca: Ediciones Universidad, p. 535-543.
- PIRSON, Jules (1901) – *La Langue des Inscriptions Latines de la Gaule*, (*Bibliothèque de la Faculté de Philosophie et Lettres de l'Université de Liège*, 11), Bruxelles: Société Belge de Librairie.
- PISANI, Vittore (1974⁴) – *Grammatica Latina Storica e Comparativa*, Torino: Rosenberg & Sellier.

- PISANI, Vittore (1986²) – *Le Lingue dell'Italia Antica oltre il Latino*, Torino: Rosenberg & Sellier.
- PISO, Ioan (2015) – *La votorum nuncupatio* de Sarmizegetusa. In Piso, I., *An der Nordgrenze des Römischen Reiches. Ausgewählte Studien (1972-2003)*, (Heidelberg *Althistorische Beiträge und Epigraphische Studien*, 41), Stuttgart: Franz Steiner Verlag, p. 39-50.
- POULTNEY, James Wilson (1959) – *The Bronze Tables of Iguvium*, Baltimore-Oxford: American Philological Association.
- PRAT, Louis (1975) – *Morphosyntaxe de l'Ablatif en Latin Archaïque*, Paris: Les Belles Lettres.
- PROSDOCIMI, Aldo Luigi (1978) – L'Umbro, In Prosdocimi, A. L. (ed.), *Popoli e Civiltà dell'Italia Antica*, 6: *Lingue e Dialetti*, Roma: Biblioteca di Storia Patria, p. 585-788.
- PRÓSPER, Blanca (1994) – El teónimo paleohispano *Trebarune*, *Veleia* 11, Vitoria-Gasteiz, p. 187-196.
- PRÓSPER, Blanca (2002) – *Lenguas y Religiones Prerromanas del Occidente de la Península Ibérica*, Salamanca: Ediciones Universidad.
- PRÓSPER, Blanca (2008) – Lusitanian. A non-celtic Indo-European language of western Hispania. In García Alonso, J. L. (ed.), *Celtic and other Languages in Ancient Europe*, Salamanca: Ediciones Universidad, p. 53-64.
- PRÓSPER, Blanca (2010) – Cabeço das Fráguas y el sacrificio indoeuropeo, In Schattnert, Th. e Santos, M. J. (eds.), *Porcom, Oilam, Taurom. Cabeço das Fráguas: o Santuário no seu Contexto*, (Iberografias 6), Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, p. 63-70.
- PRÓSPER, Blanca (2010a) – La lengua lusitana en el marco de las lenguas indoeuropeas occidentales y su relación con las lenguas itálicas. In Carrasco, G. e Oliva, J. C. (coords.), *El Mediterráneo Antiguo: Lenguas y Escrituras*, Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha, p. 361-391.
- RODRÍGUEZ COLMENERO, Antonio (1995) – Corpus de inscripciones rupestres de época romana del cuadrante NW de la Península Ibérica. In Rodríguez Colmenero, A. e Gasperini, L. (eds.), *Saxa Scripta. Actas del Simposio Internacional Ibero-Itálico sobre Epigrafía Rupestre*, A Coruña: Edición do Castro, p. 117-259.
- SALINAS DE FRÍAS, Manuel (2010) – Sobre algunas especies animales en el concepto de las religiones prerromanas de Hispania. In *Serta Palaeohispanica in Honorem Javier de Hoz*, (Palaeohispanica, 10), Zaragoza: Institución Fernando el Católico, p. 611-628.
- SANTOS, Maria João (2007) – El sacrificio en el occidente de la Hispania romana: para un nuevo análisis de los ritos de tradición indoeuropea, *Palaeohispanica* 7, Zaragoza, p. 175-217.
- SANTOS, Maria João (2008) – The triple animal sacrifice and the religious practice of the indigenous western Hispania. In Sartori, A. (ed.), *Dedicanti e Cultores nelle Religioni Celtiche: VIII Workshop FERCAN*, Milano: Cisalpino, p. 253-274.
- SANTOS, Maria João (2009) – Lusitanos y Vettones en la Beira Interior portuguesa:

- La cuestión étnica en la encrucijada de la arqueología y los textos clásicos. In Sanabria, P. J. (coord.), *Lusitanos y Vettones: Los Pueblos Prerromanos en la Actual Demarcación Beira Baixa-Alto Alentejo-Cáceres*, Cáceres: Junta de Extremadura, p. 181-196.
- SANTOS, Maria João (2010) – O Cabeço das Fráguas e a concepção de espaço sagrado na *Hispania* indo-europeia. In Schattner, Th. e Santos, M. J. (eds.), *Porcom, Oilam, Taurom. Cabeço das Fráguas: o Santuário no seu Contexto*, (Iberografias 6), Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, p. 131-145.
- SANTOS, Maria João; SCHATTNER, Thomas (2010) – O Santuário de Cabeço das Fráguas através da arqueologia. In Schattner, Th. e Santos, M. J. (eds.), *Porcom, Oilam, Taurom. Cabeço das Fráguas: o Santuário no seu Contexto*, (Iberografias 6), Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, p. 89-108.
- SCHATTNER, Thomas (2010) – Breve observação sobre a representação processional no Ocidente hispânico. In Schattner, Th. e Santos, M. J. (eds.), *Porcom, Oilam, Taurom. Cabeço das Fráguas: o Santuário no seu Contexto*, (Iberografias 6), Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, p. 109-129.
- SCHEID, John (1990) – *Romulus et ses Frères. Le Collège des Frères Arvales, Modèle du Culte Public dans la Rome des Empereurs*, Roma: École Française de Rome.
- SCHEID, John (1998) – *Commentarii Fratrum Arualium qui supersunt. Les copies épigraphiques des protocoles annuels de la confrérie Arvale: 21 av.-304 ap. J.-C.*, (Recherches Archéologiques à La Magliana, Roma Antica, 4), Roma: École Française de Rome: Soprintendenza Archeologica.
- SCHMIDT, Karl Horst (1985) – A contribution to the identification of Lusitanian. In De Hoz, J. (coord.), *III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas*, Salamanca: Ediciones Universidad, p. 319-341.
- SCHMOLL, Ulrich (1959) – *Die Sprachen der Vorkeltischen Indogermanen Hispaniens und Keltiberische*, Wiesbaden: Otto Harrassowitz.
- SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos de (2010) – Um mundo entre mundos. O grupo de Baiões/Santa Luzia: sociedade, metalurgia e relações inter-regionais. In Schattner, Th. e Santos, M. J. (eds.), *Porcom, Oilam, Taurom. Cabeço das Fráguas: o Santuário no seu Contexto*, (Iberografias 6), Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, p. 13-26.
- SUÁREZ MARTÍNEZ, P. M. (1991) – Vocatif latin et fonctions du langage, *Vita Latina* 122, Montpellier, p. 39-45.
- TOMLIN, Roger (2010) – Cursing a thief in Iberia and Britain. In Gordon, R. e Marco, F. (eds.), *Magical Practice in the Latin West*, Leiden-Boston: Brill, p. 245-273.
- TOVAR, Antonio (1985) – La inscripción del Cabeço das Fráguas y la lengua de los Lusitanos. In De Hoz, J. (coord.), *III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas*, Salamanca: Ediciones Universidad, p. 227-253.
- UNTERMANN, Jürgen (1987) – Lusitanisch, Keltiberisch, Keltisch. In Gorrochategui, J., Melena, J. L. e Santos, J. (eds.), *IV Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas*, (Veleia 2-3), Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, p. 57-76.
- UNTERMANN, Jürgen (1997) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum*, IV: *Die Tartes-*

- sichen, Keltiberischen und Lusitanischen Inschriften, Wiesbaden: L. Reichert.
- UNTERMANN, Jürgen (1999) – 'Alteuropäisch' in Spanien. In Eggers, E., Becker, J., Udolph, J. e Weber, D. (eds.), *Florilegium Linguisticum: Festschrift für Wolfgang P. Schmid zum 70. Geburtstag*, Frankfurt-Berlin: Peter Lang, p. 509-518.
- UNTERMANN, Jürgen (2002) – A epigrafia em língua lusitana e a sua vertente religiosa. In Cardim Ribeiro, J. (coord.), *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 67-70.
- UNTERMANN, Jürgen (2010) – Las divinidades del Cabeço das Fráguas y la gramática de la lengua lusitana. In Schattner, Th. e Santos, M. J. (eds.), *Porcom, Oilam, Taurom. Cabeço das Fráguas: o Santuário no seu Contexto*, (Iberografias 6), Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, p. 81-88.
- VALLEJO, José María (2005) – *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, (Anejos Veleia, Series Minor, 23), Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- VALLEJO, José María (2013) – Hacia una definición del Lusitano. In *Actas del XI Coloquio Internacional de Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*, (Acta Palaeohispanica, XI = Palaeohispanica 13), Zaragoza: Institución Fernando el Católico, p. 273-291.
- VAZ, João Luís (2009) – *Lusitanos no Tempo de Viriato*, Lisboa: Ésquilo.
- VERSNEL, Henk S. (1991) – Beyond cursing: the appeal of justice in judicial prayers. In Ch. A. Faraone e D. Obbink (eds.), *Magika Hiera. Ancient Greek Magic and Religion*, New York-Oxford: Oxford University Press, p. 60-106.
- VERSNEL, Henk S. (2010) – Prayers for justice, East and West. In R. Gordon e F. Marco (eds.), *Magical Practice in the Latin West*, Leiden-Boston: Brill, p. 275-354.
- VILLAR, Francisco (1986) – El dativo epigráfico en -ā, *Emerita* 54 (1), Madrid, p. 45-62.
- VILLAR, Francisco (1993-95) – Un elemento de la religiosidad indoeuropea: *Trebarune, Toudopalandaigae, Trebopala, Pales, Višpalā, Kalathos* 13-14, Teruel, p. 355-388.
- VILLAR, Francisco (1996) – El teónimo Reve y sus epítetos. In Meid, W. e Anreiter, P. (eds.), *Die Grösseren Altkeltischer Sprachdenkmäler*, Innsbruck: Institut für Sprachwissenschaft der Universität, p. 160-211.
- VILLAR, Francisco; PEDRERO, Rosa (2001) – La nueva inscripción lusitana: Arroyo de la Luz III. In Villar, F. e Fernández, M. P. (coords.), *Religión, Lengua y Cultura Prerromanas de Hispania*, (Coloquio sobre Leguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica VIII), Salamanca: Ediciones Universidad, p. 663-698.
- WITCZAK, Krzysztof (1999) – On the Indo-European origin of two Lusitanien theonyms (LAEBO and REVE), *Emerita* 67, Madrid, p. 65-73.
- WITCZAK, Krzysztof (2005) – Język i Religia Luzytanów: *Studium Historyczno-Porównawcze*, Łódź: Uniwersytetu Łódzkiego.
- WODTKO, Dagmar (2010) – The problem of Lusitanian. In Cunliffe, B. e Koch, J. T. (eds.), *Celtic from the West: Alternative Perspectives from Archaeology, Genetics, Language and Literature*, Oxford: Oxbow Books, p. 335-367.

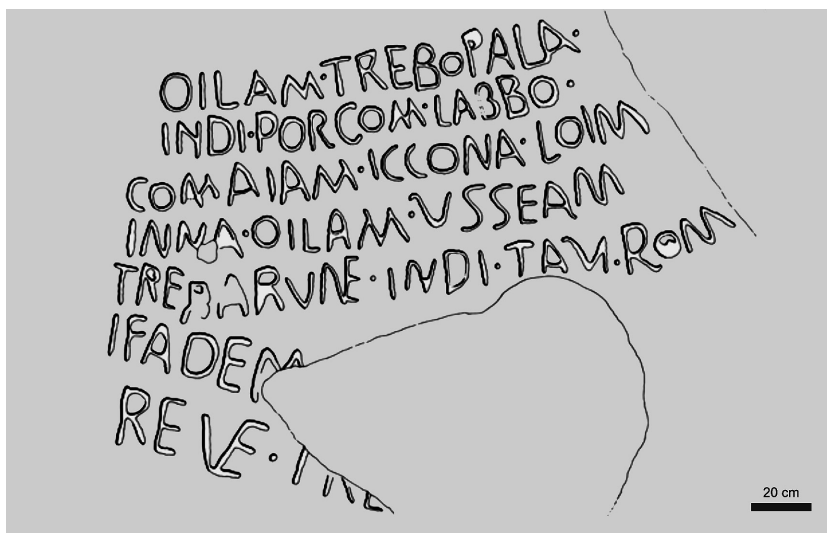


FIG. 1 – A invocatio em Lusitano de Cabeço das Fráguas (desenho de Fernando Fernández, Instituto Arqueológico Alemão, Madrid; apud Santos 2009).

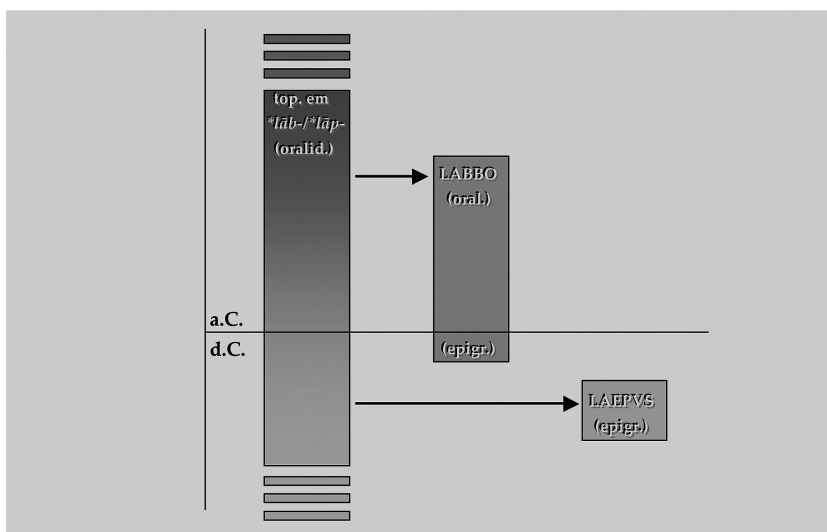


FIG. 2 – Formação, em época pré-romana, do teónimo lusitano Labbo/-ne a partir de uma antiga base toponímica em *lab-/ *lāp-; e independente formação, em época imperial, do teónimo latino Laepus/-i directamente a partir dessa mesma antiga base toponímica em *lab-/ *lāp-, agora porventura evolucionada – no decurso da sua transgeracional transmissão oral (além de então em estreito contacto com o Latim) – quanto à respectiva pronúncia.

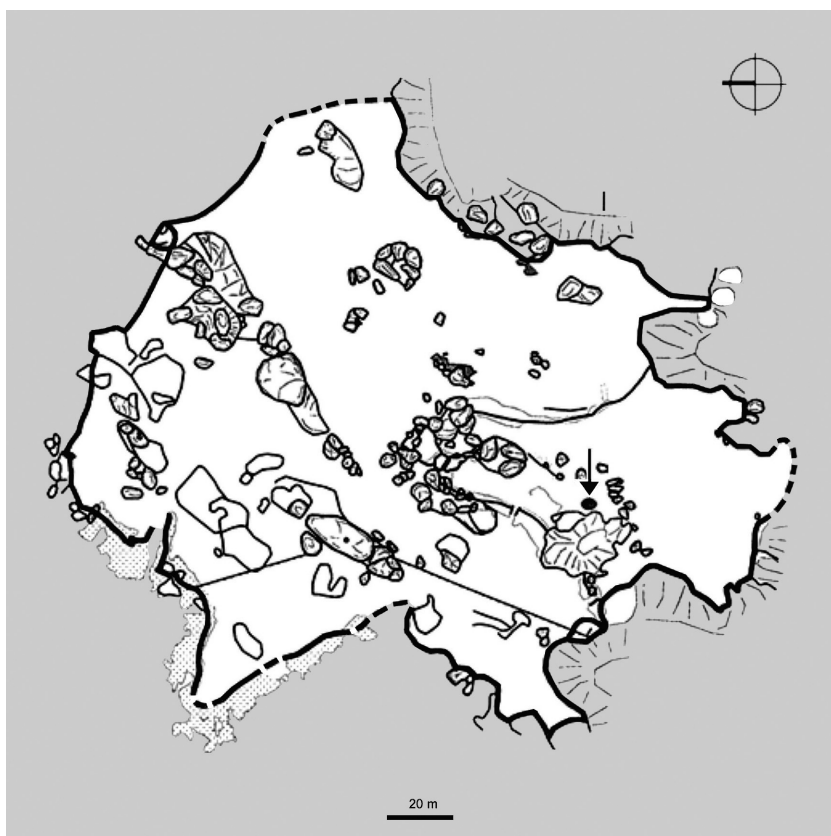


FIG. 3. O “recinto sagrado” de Cabeço das Fráguas
(com base em Correia Santos/Schattner 2010).
O posicionamento da inscrição rupestre está indicado pela seta.



FIG. 4 – *Ara de Vale Feitoso, Penha Garcia (Idanha-a-Nova).*



FIG. 5 – *Detalhe da ara de Vale Feitoso: primeiras letras das linhas 1 a 3.*